

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
LINHA DE FORMAÇÃO: ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL



Dissertação de Mestrado

**NAS PEGADAS DAS CRIANÇAS: UMA ETNOGRAFIA PELO BAIRRO
VENCATO, JAGUARÃO/RS**

FLADIANE NUNES TEIXEIRA

PELOTAS

2019

FLADIANE NUNES TEIXEIRA

**NAS PEGADAS DAS CRIANÇAS: UMA ETNOGRAFIA PELO BAIRRO
VENCATO, JAGUARÃO/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Flávia Maria Silva Rieth

PELOTAS

2019

FLADIANE NUNES TEIXEIRA

NAS PEGADAS DAS CRIANÇAS: UMA ETNOGRAFIA PELO BAIRRO
VENCATO, JAGUARÃO/ RS

Data da realização do exame: 31/10/2019

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Flávia Maria Silva Rieth (Orientadora)
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do
Sul

Prof. Dr. Francisco Pereira Neto
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Letícia de Faria Ferreira
Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro

*Dedico este trabalho ao meu pai e
à estrela mais brilhante do céu.*

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por me permitir chegar até aqui. Gratidão por todas as bênçãos e obstáculos impostos ao longo da vida, que fizeram com que eu me tornasse o que sou hoje.

À minha mãe Ilza (in memoriam), por ter me dado a oportunidade de ser filha de uma pessoa tão especial quanto foste. Teus ensinamentos ficarão para sempre em meus pensamentos. Gratidão por sempre iluminar o meu caminho.

Ao meu pai, por todo amor e dedicação ao longo da minha vida, por todo companheirismo e união existentes entre nós. Por ser este ser humano incrível e essencial na minha vida.

À minha avó Maria, por todo amor e dedicação ao longo dos anos. Por ser minha amiga e conselheira, uma joia rara em minha vida.

Ao meu irmão Bruno por toda cumplicidade e união existentes entre nós. Por partilhar todos os momentos da vida comigo, por me apoiar e me incentivar.

Aos meus irmãos Everton e Manuella, por sempre me apoiarem e me incentivarem, de perto ou de longe, estarem sempre presentes em minha vida.

Ao meu companheiro Rodrigo, por todo carinho e apoio dedicado a mim ao longo dos anos. Por ser luz, em momentos de escuridão, por sempre me apoiar e jamais me deixar desistir de mim e de meus sonhos.

Às minhas amigas Darlize, Izadora, Katarine, Marselle e Carol, por todo carinho e incentivo, por sempre compartilharmos alegrias e tristezas, por sempre haver uma palavra de amizade e consolo.

À amiga Juliana, por sempre ter uma palavra de apoio e incentivo, por ter me ajudado na formatação deste trabalho.

À minha prima Cristina, meu dindo Fernando e aos meus pequenos Diego, Gabriel e Victor, por todas às vezes que calorosamente me acolheram em sua casa.

Aos demais amigos e familiares que, direta ou indiretamente, fazem parte de minha trajetória. Sou grata a Deus, por ser rodeada de pessoas tão especiais.

À minha orientadora Flávia Reith, por ter dividido minhas angústias, por todas as aprendizagens e por ter me guiado ao longo desta caminhada.

À professora Letícia, por mais uma vez, ter aceito o convite para compor minha banca, por acompanhar e incentivar minha trajetória acadêmica desde o curso de História - Licenciatura.

Ao professor Francisco, por ter aceito o convite para compor a banca. Com certeza, suas contribuições foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Às crianças e aos jovens interlocutores desta pesquisa, por todas conversas e caminhadas, por ao longo desta pesquisa ter tido a oportunidade de acompanhar vocês, dividindo alegrias e angústias frente aos desafios da capoeira e da vida.

À instrutora Joice, que me recebeu de braços abertos em suas aulas de capoeira.

Ao Zé da Vencato, por ter me recebido no Centro Comunitário e, ter me permitido participar das atividades do mesmo.

Aos demais interlocutores desta pesquisa, que me receberam com muito carinho e permitindo para que esta se desenvolvesse.

‘Nenhum de nós é tão bom, quanto todos nós juntos.’

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo realizar uma pesquisa etnográfica sobre os moradores do bairro Vencato, situado na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul. Nesta pesquisa busquei analisar como se deu a transformação do bairro no tempo e no espaço, para que se possa entender o habitar a cidade pelas margens. Problematizo o paradoxo do bairro ser estigmatizado na cidade como um lugar violento. Porém, quando caminho pelo Vencato, percebo a grande circulação de crianças pelas ruas. A partir da circulação das crianças, das histórias das famílias e das aulas de capoeira, realizo a observação participante, buscando compreender as concepções de infância do lugar.

Palavras-chave: Infâncias e Famílias, Margens Urbanas, Habitar, Sociabilidade.

ABSTRACT

This study aims to conduct an ethnographic research on the residents of the Vencato neighborhood, located in the city of Jaguarão, Rio Grande do Sul. In this, I sought to analyze how the transformation of the neighborhood took place in time and space, so that we can understand o inhabiting the city by the banks. I problematize the paradox of the neighborhood being a stigmatized in the city as a violent place, but when i walk through Vencato, i notice the movement of children through the streets. I notice the large circulation of children through the streets. From the circulation of children, family histories and capoeira classes, I perform participant observation, seeking to understand the conceptions of childhood.

Keywords: Childhood and Families, UrbanMargins, Living.Sociability.

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa da Zona Urbana de Jaguarão.....	23
Figura 2: Final do calçamento da rua Odilo Gonçalves	25
Figura 3: Entorno da Praça Dr. Oswaldo Vergara	26
Figura 4: O interior da Praça Dr. Oswaldo Vergara.....	27
Figura 5: Roda de capoeira na Praça Dr. Oswaldo Vergara	28
Figura 6: Desenho da praça realizado pelo aluno Enzo.....	35
Figura 7: Planta do loteamento Vencato	42
Figura 8: Delimitações Bairro Vencato	43
Figura 9: Escola de Educação Infantil Pato Donald	46
Figura 10: Centro Comunitário do Bairro Vencato.....	47
Figura 11: Escola Dr. Fernando Correa Ribas	49
Figura 12: Posto de saúde Dr. Carlos Olavo Corrêa Chaves	50
Figura 13: Vista aérea do Bairro Vencato.....	75
Figura 14: Alunos na saída da escola	76
Figura 15: Alunos em frente à escola na hora da entrada.....	77
Figura 16: Alunos da capoeira jogando bola em frente ao centro comunitário.....	78
Figura 17: Moradores sentados no canteiro	79
Figura 18: Moradores sentados na praça.....	80
Figura 19: Cinema no Centro Comunitário	83
Figura 20: Banda tocando, casais dançando	84
Figura 21: Chocolates entregues às crianças na Festa de Páscoa.....	85
Figura 22 Alunos na roda de capoeira.....	87
Figura 23: Alunos da copeira aprendendo a tocar instrumentos	89
Figura 24: Alunos da capoeira com a instrutora Joice e o líder comunitário Zé	90
Figura 25: Desenhos realizados pela aluna Monica.....	94
Figura 26: Desenho realizado pelo aluno Breno	96
Figura 27: Evento de graduação realizado no Clube 24 de Agosto	97

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. Por que tu tá sempre com o caderno? Pesquisando família e infância na Vencato.....	18
1.1 Etnografando pela Vencato: o ouvir, o olhar e o escrever.....	18
1.2 A observação flutuante: deixar-se flutuar pela Vencato	21
1.3 Os caminhos da Vencato e o exotizar o familiar.....	29
1.4 O paradoxo violência/ infância.....	32
2. Diferentes temporalidades: o processo de construção do Bairro Vencato e a relação entre periferia e centro	39
2.1 A Vencato no tempo e no espaço.....	40
2.2 Um olhar de longe e de fora: o estigma local	53
2.3 História das famílias: as formas de habitar a Vencato.....	56
3: Os caminhos da Vencato: percursos infantis e redes que se cruzam	71
3.1 O Centro Comunitário do Bairro Vencato	81
3.2 As rodas de capoeira: caminhando com as crianças	86
3.3 O olhar das crianças por intermédio dos desenhos.....	93
4. Conclusão	99
4.1 Cidade, margens e infância	99
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa a realização de uma pesquisa etnográfica sobre os moradores do bairro Vencato, localizado na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul. O bairro surge aproximadamente nos anos de 1973, a partir da iniciativa privada do senhor Frederico Vencato. Embora se tratando de um loteamento privado, o mesmo já se iniciou sem infraestruturas, tendo os moradores que se mobilizarem em prol de melhorias para o bairro. O bairro está localizado ao sul do centro da cidade e, conforme o plano diretor do município de Jaguarão, compreende ao sul da rua Uruguai, tendo como limite o Rio Jaguarão, o lado leste da rua 24 de maio, até o limite da Chácara do Galo. Nesta pesquisa etnográfica busquei compreender como se deu a transformação do bairro no tempo e no espaço, para que se possa entender o paradoxo que o cerca. Considerando o habitar as margens da cidade, o estigma de lugar violento e a sociabilidade pública que o contempla.

Na cidade de Jaguarão, o bairro Vencato é estigmatizado como sendo um bairro violento, porém, ao longo do trabalho de campo, me instigou a presença das crianças que circulavam sozinhas pelas ruas, contradizendo esta visão. Em virtude de tentar reativar o Centro Comunitário do bairro, são oferecidas gratuitamente aulas de capoeira para jovens e crianças, bem como cinema e festas em datas comemorativas. Quem está de “fora e de longe”, tem uma visão de um bairro violento, entretanto, acompanhando “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), ao longo das observações, da participação nas festividades e o acompanhamento das aulas de capoeira, me marcou a relação das crianças com o bairro assim como os caminhos por elas traçados nesse local, e o quanto as mesmas andam sozinhas. Deste modo, além de tentar compreender as transformações do bairro no tempo e no espaço, para assimilar a ambiguidade periferia - centro, e o fato de ser um local estigmatizado como violento, onde crianças andam despreocupadas, a pesquisa se volta ao olhar das crianças sobre o bairro. Em conversa com algumas crianças, as mesmas afirmaram não terem medo de andarem sozinhas pelas ruas, pois no bairro “todo mundo se conhece”. Optei por também trabalhar com as crianças, com o olhar destas sob o mesmo, pensando nos trajetos que as elas fazem dentro do bairro.

Meu interesse de estudo para com este tema surgiu há algum tempo, quando eu ainda cursava Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pampa,

onde atuava em um Programa de Iniciação à Docência na escola do bairro. Dentre as atividades desenvolvidas com os alunos, realizamos uma oficina de História Oral, cuja proposta era trazer antigos moradores do bairro que pudessem narrar a história do lugar. Para tanto, foram convidadas duas moradoras locais, cujas quais relembrou diversas histórias sobre o princípio do bairro e a chegada da escola na Vencato. Em meio a essa conversa, surgiu o meu interesse em querer compreender o bairro. A partir desse interesse desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “O Vencato a partir da memória de seus moradores: do loteamento a construção do bairro”, sendo assim, realizei uma pesquisa e pude ter contato com diversos moradores com diferentes olhares, em que através da narrativa dos mesmos, mapeei e reconstruí a história do bairro. Durante o desenvolvimento deste estudo, surgiram outras inquietações, entre elas, compreender o bairro nos dias atuais. Posteriormente, os primeiros contatos com a Antropologia fizeram com que este anseio crescesse.

Como moradora local, desde o princípio uma das questões era com relação ao meu distanciamento do tema, como estranhar o familiar. Conforme Velho (2003), o distanciamento dá-se a partir da intelectualidade, o movimento em que se passa a estranhar o familiar, tornando-o em exótico, para tanto, necessita-se de um embasamento teórico metodológico que nos sirva de alicerce. Para se familiar o exótico, é preciso que se familiarize o estranho, e é através da interação com o outro que o exótico se torna familiar. Em “O desafio da proximidade”, Velho (2003) afirma que é o multipertencimento que permite ao antropólogo pesquisar a sua própria sociedade e, diante dela, situações com as quais ele tem algum tipo de envolvimento e das quais participa. O fato de não pertencer apenas a um grupo, mas manter diversas redes de relações é o que permite o movimento do estranhamento. Contudo, quando adentro o campo, a alteridade se torna evidente, e percebo que pouco sei sobre o cotidiano do bairro. Através do trabalho de campo pude perceber que conhecer a história é diferente de vivenciar a história. Conhecer a história é diferente de conhecer e participar ativamente do cotidiano daquelas pessoas, pois, por mais que eu more no bairro, minha experiência cotidiana é outra.

Para esta etnografia, foram utilizados textos teóricos metodológicos em contextos urbanos. Em sua obra “Da periferia ao centro: pedaços e trajetos”, Magnani (1992) aborda questões relevantes e cuidados que se deve ter ao estudar o

urbano. Conforme o autor, ao estudar dimensões espaciais é preciso que se reflita sobre algumas dificuldades, como a de se estabelecer recortes, fronteiras e definir as unidades de análises. Por isso, é preciso um olhar treinado e aguçado, para que possa se observar fatores que fogem do senso comum da paisagem urbana. É necessário que se reflita sobre as continuidades e discontinuidades da paisagem, não sob uma ótica estrutural, mas pensando em como as pessoas utilizam-se desses espaços. Com isso, o autor utiliza algumas categorias como pedaço, mancha, trajeto, pórtico e circuito para que se possa analisar as práticas de lazer, os locais de encontro e as formas de sociabilidade no contexto urbano. A categoria pedaço se caracteriza como um lugar de passagem e encontro, visto que pertencer a um pedaço não necessariamente é conhecer, mas se reconhecer enquanto tal. A mancha compreende o local ou os locais que funcionam como ponto de referência para um maior número de pessoas. A categoria trajeto é marcada pela circulação das pessoas e suas escolhas, pois as cidades não são apenas pedaços e manchas paralisados, elas transitam por estes espaços, e são essas escolhas que formam o trajeto. Os trajetos nos levam a lugares próximos, familiares, mas também a locais desconhecidos. São os trajetos que ligam todos os pontos das cidades. Pórticos são espaços que levam as pessoas de um lugar para outro, espaços da paisagem urbana que se tornam passagens, espaços que se caracterizam por serem fronteiriços. Por fim, mais do que uma categoria, o circuito pode abranger uma classificação, visto que pode-se pertencer a diferentes circuitos dentro de um mesmo. Conforme Magnani (1992), é a partir da compreensão e alcance destas categorias “que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia a dia, a prática da devoção, o desfrute do lazer, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais.” (MAGNANI, 1992, p.193) A partir desta perspectiva e ao longo das observações e dos trajetos realizados com as crianças, o interior do bairro apresentou-se como o pedaço. Assim como Magnani (1992), para De Certeau (2000), são as práticas do cotidiano que produzem a cidade. Para o autor, o bairro é o lugar onde se manifesta o engajamento social, uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição.

Para a realização desta etnografia sobre os moradores do bairro Vencato, esta dissertação, além da introdução, foi dividida em três capítulos e a conclusão. O

primeiro capítulo aborda minha trajetória pessoal e a trajetória da pesquisa, em que através da apresentação do bairro busco refletir questões teóricas sobre a etnografia de rua, a importância do olhar disciplinado; questões sobre distanciamento; observação flutuante e como se deu o contexto da pesquisa que me permitiram olhar o bairro “de perto e de dentro”. Ainda neste capítulo, traço a discussão sobre violência, crime, o que é ser criança e a criança na Vencato, e sua relação entre a casa e a rua.

O segundo capítulo discorre sobre o surgimento do bairro, suas transformações com o decorrer dos anos, o quanto este fator está refletido nos dias atuais e na situação dos moradores que se encontram à margem social. Posteriormente, traço uma pequena discussão sobre estigma, para que se possa compreender o estigma local. De uma forma geral, apresento a história das famílias, aspectos do bairro que especificam a dinâmica do habitar a Vencato, considerando o aspecto geracional.

No terceiro capítulo, discorro sobre os trajetos infantis que me possibilitaram o encontro com as crianças, especialmente com as rodas de capoeira, por onde acessei estas relações. Após, através do uso dos desenhos, exponho o olhar das crianças sobre o bairro.

Na conclusão, discuto o habitar a Vencato, considerando sua localização do bairro perante às margens, a multitemporalidade existente que condiciona as vivências familiares na margem, as possibilidades da rua e a concepção de infância no bairro. Procuro evidenciar o quanto estes aspectos estão conectados nas dinâmicas cotidianas da Vencato.

Esta etnografia visa refletir o bairro Vencato através das margens e de seus atores, conforme Agier (2015) “os atores da margem, cidadãos sem cidade, ocupam um lugar à parte, precário, mas exemplar nos movimentos que fazem a cidade.” (AGIER, 2015, p. 491). É importante que se pense o bairro a partir das margens, pensando nos diferentes começos da cidade, refletindo sobre a cidade a partir de seu interior, dos espaços precários, trazendo o olhar do fazer-cidade dos cidadãos, pensar que é no cotidiano que tudo se faz e se desfaz, que são os moradores que dão vida ao bairro e a cidade, bem como, são os mesmos que se utilizam desses tempos.

Cabe ressaltar alguns aspectos que nortearam esta etnografia. Segundo Silva (2006), é no trabalho de campo que se evidenciam as alteridades, e é justamente este momento que o autor caracteriza de encontro etnográfico. Se conforme Cardoso de Oliveira (2000), é no ato de escrever que a questão do conhecimento se torna mais crítica, é neste momento que se deve refletir sobre questões éticas. Com relação ao uso ou não do anonimato no texto etnográfico, Fonseca (2008) afirma que, além do anonimato, o termo de consentimento informado é outro instrumento que garante a ética da pesquisa. Durante a realização de uma pesquisa etnográfica quase tudo pode ser negociado, principalmente no que se refere aos interlocutores, sendo assim, o uso do anonimato ou não dos mesmos, bem como o termo de consentimento, estão sob a ética do pesquisador, porém, o mesmo sempre deve levar em conta os impactos que a pesquisa pode vir a ter na vida de seus interlocutores. Da mesma maneira, quando se tratam de depoimentos e entrevistas, é preciso pensar quais trechos que irão ou não compor o texto, pois segundo Caldeira (1981), “Depoimento/Verdade/Confissão/Desabafo/Ajuda (ao outro ou a si próprio) / informação. Todos esses elementos se misturam no discurso de um informante que o caracterizam” (CALDEIRA, 1981, pg.344). Sendo assim, o pesquisador deve estar sempre atento aos “não-ditos” dos interlocutores. Ainda conforme a autora, o depoimento não existe pronto, ele vai sendo construído, à medida que vai sendo dito, tecendo uma “relação de aprendizado: tanto o pesquisador quanto o entrevistado descobrem, aprendem, refletem” (CALDEIRA, 1981, pg. 345).

O ato de escrever trouxe consigo muitos desafios e reflexões. Muitos dados coletados durante a pesquisa etnográfica não serão expostos, porém fazem parte do universo da pesquisa, e de uma forma ou de outra, estão explicitados no texto. Sentimentos de angústias, desabafos, e preocupações, tanto da parte dos interlocutores quanto de minha parte. O receio dos interlocutores sobre como o outro os veria, a aflição ao falar a respeito de alguns assuntos e pedir para que não fossem descritos, sensações e olhares observados que disseram mais do que palavras. Brandão (2007) salienta a importância da observação participante, pois “uma coisa é o que as pessoas dizem a respeito disso, outra coisa é aquilo que o antropólogo vê, aquilo que o pesquisador vê acontecendo.” (BRANDÃO, 2007, pg.15) Desta forma, pensando no impacto que a pesquisa poderia vir a ter na vida

de alguns interlocutores, optei por não expor os nomes das crianças e de seus responsáveis. Assim como, pensando em não demarcar idades, não utilizou-se o termo adolescentes e sim, jovens, abrangendo diversas faixas etárias. Gostaria de evidenciar que, quando me refiro “as crianças e/ou as crianças do bairro Vencato”, mesmo que narrando de forma geral, estou referindo-me às entrevistadas ao longo da pesquisa, assim como as crianças do grupo da capoeira. Com relação à capoeira, cabe frisar que ao longo da pesquisa muitas crianças começaram e posteriormente desistiram das aulas. Há apenas um pequeno grupo, que iniciou e permanece até os dias atuais. Sendo assim, há nomes citados nesta etnografia que atualmente não fazem mais parte do grupo, assim como há crianças que frequentam as aulas nos dias de hoje e que não foram abordadas no universo desta pesquisa.

1. Por que tu tá sempre com o caderno? Pesquisando família e infância na Vencato.

Neste capítulo abordo sobre a minha trajetória pessoal e também traço a trajetória desta etnografia. Posteriormente, através da apresentação do bairro, reflito sobre as questões teóricas metodológicas que norteiam a pesquisa, como a etnografia de rua, a importância do olhar disciplinado, questões sobre distanciamento, observação flutuante e como se deu o contexto da pesquisa que me permitiram olhar o bairro “de perto e de dentro”. Por se tratar de um bairro periférico, trago a discussão sobre estigma, violência, crime, o que é ser criança e a criança na Vencato, e sua relação entre a casa e a rua. Com relação à concepção antropológica, Cardoso de Oliveira (2000) destaca a importância dos atos cognitivos, pois é a partir do ato do olhar e do ouvir “disciplinados” que se realiza nossa percepção, e através do ato de escrever que nosso pensamento torna-se crítico.

1.1 Etnografando pela Vencato: o ouvir, o olhar e o escrever

Buscando contextualizar o universo desta etnografia, exponho os caminhos percorridos que me trouxeram até esta pesquisa. Minha aproximação com o campo de pesquisa deu-se no ano de 2014, quando ainda estava na graduação de História-Licenciatura e era bolsista do PIBID “O uso de Fontes no Ensino de História”, em que realizávamos inserções e oficinas semanais com as turmas do sétimo e oitavo ano da escola Dr. Fernando Corrêa Ribas, localizada no Bairro Vencato. Uma das oficinas tratava sobre História Oral como forma de envolver os alunos partindo de sua própria realidade. Foi decidido que faríamos uma roda de conversa sobre a história do bairro. Para isso, convidamos alguns moradores locais e também a primeira diretora da escola. No dia da apresentação, meus colegas e eu fizemos um pequeno café da manhã, e nos revezávamos entre a câmera e a levantar questões para as convidadas, dona Paulina, moradora do bairro, e a professora Joana. Ambas relembrouam como o bairro era no início e o tanto que a comunidade lutou para que as infraestruturas, como a água, a luz, a creche, a escola e o posto de saúde

chegassem até o bairro. Em seus relatos, dona Paulina lembrou sobre a rua do Cordão e os cordões carnavalescos que dali saíam. Já a professora Joana relatou a história da escola e as dificuldades que se passaram até chegar nos dias atuais. Para envolver os alunos, contou histórias de travessuras de quando seus conhecidos estudavam na escola. Estas histórias, das quais eu mesma como moradora local desconhecia, despertaram meu interesse em saber mais sobre a história e a mobilização popular. Minha família reside no bairro há vinte anos, e meu pai tem estofaria no local faz mais de trinta anos.

Porém, até o momento, não havia tido nenhum interesse pela história do local e nunca havia me reconhecido como moradora da Vencato. Até então me identificava como moradora do “centro” da cidade. Como a escola que eu estudava era no centro da cidade, e ao redor de minha casa está localizada a zona comercial, poucas vezes me desloquei para o interior do bairro. Sendo assim, por mais que more no bairro, não circulava pelo mesmo, não conhecia as pessoas e não havia prestado atenção nas coisas mais banais do próprio cotidiano, a circulação de pessoas nas ruas e essa diferença entre morar nas ruas mais próximas do centro e nas mais no interior no bairro. Desta forma, dessa inquietação nasceu meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “O Vencato a partir da memória de seus moradores: Do loteamento à construção do bairro”. Da História para Antropologia, esta etnografia nasce para tentar compreender o cotidiano do bairro. Neste novo contexto acadêmico, a Antropologia Urbana dá um outro sentido para meu campo de pesquisa. Magnani (2002) apresenta uma nova perspectiva para olhar a cidade. Nesta, o método etnográfico sobre a cidade traz em oposição ao olhar “de fora e de longe”, um novo olhar de “perto e de dentro”. Deste modo, passou-se a se analisar os moradores locais e suas múltiplas redes, as formas de sociabilidade, os deslocamentos e conflitos, enfatizando outros elementos que até então passavam despercebidos aos olhos da pesquisadora. Conforme Agier (2015), “o fazer-cidade deve ser entendido como um processo sem fim, contínuo e sem finalidade. Ele faz sentido no contexto de uma expansão contínua dos universos sociais e urbanos.” (AGIER, 2015, p. 491). Seguindo esta mesma linha de pensamento com relação ao caminhar pela cidade, segundo De Certeau (1998), é preciso que se trilhe pelo campo da pesquisa, pois a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita, etc., as trajetórias que falam. Assim, “todas as modalidades entram aí em

jogo, mudando a cada passo e, repetidas em proporções, sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes” (DE CERTEAU, 1998, pg. 179)

Partindo da perspectiva da realização de uma etnografia na rua, conforme as autoras Eckert & Rocha (2003),

A etnografia “na” rua, consiste no desenvolvimento da observação sistemática de uma rua e/ou das ruas de um bairro e da descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que confrontam a rotina da rua e do bairro, dos imprevistos, das situações de constrangimento, de tensão e conflito, de entrevistas com habitués e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia-a-dia na cidades. (ECKERT, ROCHA, 2003, pg.5)

Pensando em uma etnografia na rua, como afirmam as autoras, estive presente diariamente no bairro e, por intermédio das caminhadas, pude apreender melhor a movimentação da Vencato. Neste sentido, compartilhando e compreendendo o dia a dia e o tempo dos moradores, as idas e vindas e os usos atribuídos aos diferentes espaços.

No que se refere à percepção antropológica, Cardoso De Oliveira (2000) enfatiza a importância do olhar, do ouvir e do escrever na elaboração do conhecimento. O autor afirma que a primeira experiência de campo é a educação do olhar. Este olhar disciplinado permite que seja realizado o processo de refração. Certamente esse processo também é realizado no processo de ouvir e de escrever, porém é no ato de olhar que o mesmo se torna mais imprescindível. Conforme o autor, se o olhar e o ouvir podem ser considerados os atos cognitivos iniciais do trabalho de campo, logo é no ato de escrever que a questão do conhecimento se torna crítica. Neste caso, o escrever, estando fora do campo de pesquisa, executaria a mais alta função cognitiva. É a partir do ato de olhar, ouvir e escrever que se dá nossa percepção antropológica. Com isso, durante a realização do trabalho de campo é preciso que se esteja atento as cenas do cotidiano, a cada olhar e narrativa do interlocutor, para que se possa perceber e compreender os “não-ditos” e cenas que passariam despercebidas.

1.2 A observação flutuante: deixar-se flutuar pela Vencato

Para além de conhecer o bairro, era preciso entender a dinâmica do pedaço. Como já exposto anteriormente, por mais que morasse no bairro eu não circulava pelo mesmo. Neste sentido, seria necessário que me deslocasse até o interior do bairro como um *flâneur*. Segundo Eckert e Rocha (2003), o *flâneur* de Benjamim é um personagem que:

[...] caminha na cidade: um percurso sem compromissos, sem destino fixo. O estado de alma deste personagem-tipo é de indiferença, mas seus passos traçam uma trajetória, um itinerário que concebe a cidade, o movimento urbano, a massa efêmera, o processo de civilização. Logo, esta não é uma caminhada inocente. A cidade é estrutura e relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia. A cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência. (ECKERT, ROCHA, 2003, pg.1)

Partindo desta perspectiva, fui a campo, analisando e interpretando os diferentes movimentos que iam surgindo e se ressignificando ao longo da caminhada pelo bairro. Conforme Pettonet (2008), a cidade é feita de misturas,

A cidade é conhecida desde suas origens por conter, ou deter, a autoridade – civil, militar, religiosa –, o comércio e a indústria, e por se alimentar dos campos. Ela é desde sempre o lugar de todas as misturas, do movimento incessante, da circulação incontrolável dos homens e das coisas, da pluralidade, em suma. (PETTONET, 2008, pg.2)

Deste modo, entre as várias formas de identificá-las, a autora destaca a “observação flutuante”, que consiste em manter-nos atentos a tudo, e não apenas a um objeto em específico, mas em permanecer flutuando “de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes.” (PETTONET, 2008, p. 4) Durante as caminhadas pelo bairro, observei os diferentes trajetos realizados pelos moradores em suas atividades cotidianas. Para Simões (2008), “através desse tipo de observação ‘sem endereço’, os múltiplos significados que os cidadãos dão aos mais variados lugares da cidade e ao espaço de tempo em que suas vidas neles transcorrem.” (SIMÕES, 2008, pg.3) A observação flutuante seria “desenderaçada”, mas não desinteressada, deixando-se

conduzir pelo inesperado, pela forma como as pessoas se apresentam em diferentes momentos e espaços da cidade. O etnógrafo descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e no espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano. (ECKERT; ROCHA. 2003, p. 3)

Quando me deslocava de minha casa até a rua 24 de maio, delimitação do bairro Vencato, refletia sobre a importância da rua Uruguai. Mais do que a continuação da BR 116, a rua Uruguai desemboca na Ponte Internacional Mauá, fronteira entre o Brasil e o Uruguai; dois países separados pelo Rio Jaguarão cujos quais são carregados de histórias e estórias. Ao cruzar pela ponte, já estamos no Uruguai, mais especificadamente em uma potente zona comercial que atrai turistas de vários lugares do Brasil. A mesma rua Uruguai, que desemboca na fronteira entre os dois países, divide o centro de outros bairros, e um desses bairros é o Vencato, localizado ao sul da rua Uruguai, que separa o bairro do centro da cidade, onde se encontra 90% da zona comercial da cidade e ruas calçadas e bem cuidadas pela Prefeitura de Jaguarão. No bairro Vencato, a maioria das ruas não é calçada, tampouco bem cuidada pelo poder público, vemos esgotos a céu aberto e ruas por capinar.

Atualmente, o bairro não compreende apenas ao loteamento do Senhor Frederico Vencato. Conforme o Plano Diretor do Município de Jaguarão, houve uma expansão, e atualmente as delimitações do mesmo são: o sul da rua Uruguai, o lado leste da rua 24 de maio, sendo a Chácara do Galo seu limite, até a beira do cais.

Muitas pessoas acreditam que o bairro é apenas o local do antigo loteamento do Senhor Frederico. Sendo assim, o restante do bairro seria considerado como centro da cidade. Nesse sentido, há a confusão entre periferia e centro. Durante a caminhada, tendo a rua Uruguai como referência, percebi que todas as outras paralelas até a segunda quadra fazem parte da zona comercial. Nessas quadras do bairro encontra-se uma zona de comércio dos mais variados tipos, como supermercados, fruteiras, atacados, loja de peças de motos e carros, oficinas de mecânica e pintura, borracharias, estofarias, dentre outras. Essa zona comercial tem como um público alvo os vizinhos uruguaios. Essas ruas diferem das demais do bairro, visto que além de ter um movimento maior, são todas calçadas. A zona mencionada é a mesma que está em seus trâmites para que se instalem free-shops

no lado brasileiro. Também é o local onde está localizado o Presídio Estadual de Jaguarão, e ao sul está a encosta do Rio Jaguarão, que faz o contorno no bairro.



Figura 1: Mapa da Zona Urbana de Jaguarão

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Jaguarão

Elegi a rua Uruguai como ponto de referência e, a partir dela, percorri todas as ruas do bairro, tanto as paralelas como as perpendiculares, o que deixou claro a distinção periferia e centro. A rua 24 de Maio é toda calçada, suas casas são grandes e vistosas. Nessa rua fica localizada a quadra de esportes e a piscina do Clube Cruzeiro Jaguareense. Logo em seguida, temos a Chácara do Galo, chácara a qual deu origem ao bairro. Prosseguindo, adentrei a rua Carlos Alberto Ribas, antiga rua Formosa, passando pela Mena Barreto e, após, pela Barbosa Neto, antiga rua do Cordão, pela Odilo Gonçalves, que ao seu final está localizada a escola do bairro, pela Andrade Neves e, por fim, adentrei ao final da Barão do Rio Branco, passando em frente ao presídio municipal e indo em direção ao Rio Jaguarão, uma das delimitações do bairro.

Prosseguindo com a caminhada, sempre tendo como referência a rua Uruguai, destacando as ruas paralelas a essa, temos as ruas Curupaity, Maurity, Fernandes Vieira, Izabelino Machado, Ciro Oliveira Nunes, João B. Luzardo, João da Costa Chaves, Nelson Wortmann, João Carlos Afonso e Rosalino Lopes de Moura. A rua Curupaity já era calçada, e agora estão calçando a rua Maurity. Fora essas, a única rua paralela à Uruguai que é calçada é a João da Costa Chaves, uma das ruas centrais do bairro, onde está localizada a praça da região, o Centro Comunitário, a Escola de Educação Infantil Pato Donald e o posto de saúde. Em se tratando da paisagem do bairro, exceto as primeiras quadras, o restante parece estar abandonado pelo poder público local, pois há ruas de chão batido com grande número de pedras, pasto alto para todos os lados, terrenos baldios servindo de lixão para alguns moradores, esgotos a céu aberto e árvores, muitas árvores para todos os lados. Quanto mais ao sul do bairro, mais verde se vê. Encontram-se ruas calmas, árvores balançando com o vento, passarinhos cantando e um cheiro de ar puro no ar. Uma paisagem mais rural, diferenciando-se das ruas próximas ao centro, onde podem ser vistos apenas prédios. Assim como em outros bairros, percebem-se ruas mais estreitas e pequenas ruas sem saídas. Se antes meu trajeto era no sentido “bairro-centro”, nesta pesquisa ele se tornou “centro-bairro”. Através deste novo sentido, e a partir da observação flutuante, pude ter uma nova percepção. Comecei a caminhar pelo bairro em diferentes dias e horários, incluindo os finais de semanas. Durante a semana, há uma grande movimentação de pessoas, carros e animais pelo bairro. Os fluxos se dão de formas e em lugares distintos; nas ruas mais próximas ao centro, onde há uma maior concentração de comércios, e nas proximidades da escola do bairro. Nos finais de semana, diferente da circulação dos outros dias, o bairro é calmo, e poucas pessoas transitam pelas ruas. A movimentação maior dá-se em torno da praça, onde jovens e crianças brincam, jogam futebol e conversam.



Figura 2: Final do calçamento da rua Odilo Gonçalves

Fonte: Arquivo pessoal

A rua Odilo Gonçalves é uma das ruas mais movimentadas de Jaguarão, pois conecta toda a cidade. Dentro dos limites do bairro, é a principal rua de acesso à escola e a outras ruas e becos. O asfalto, que é interrompido na Odilo, figura para os moradores como uma fronteira entre o bairro e o “pedaço” do bairro. Ao norte do calçamento, a zona comercial, ao sul, a Vencato, o chão batido, com as ruas alagadiças e às margens do rio.

Os ritmos da Odilo se intensificam nos horários de funcionamento da escola e, também, de ida e vinda das pessoas para o trabalho. A rua fica tomada por crianças e adultos, carros e motos que passam em velocidade alta, como se ainda estivessem no asfalto, causando acidentes com as pedras, os buracos e os animais na pista. O comércio local, que se constitui de pequenas vendas, mercados e açougues, contribuem para uma maior circulação de pessoas no local. Nesse caso, em específico, a pavimentação da rua divide as duas dinâmicas distintas de habitar o bairro.

A praça Oswaldo Vergara fica localizada no interior do bairro, em um quarteirão entre as ruas João da Costa Chaves, Dom Pedro II, Nelson Wortmann e Almirante Tamandaré, bem como as ruas Nelson Wortmann e Almirante Tamandaré, são o caminho de muitas crianças para a escola.



Figura 3: Entorno da Praça Dr. Oswaldo Vergara

Fonte: Arquivo pessoal

A praça possui uma lateral rodeada de árvores, uma quadra de esportes, alguns brinquedos, e uma academia ao ar livre. Nesse mesmo quarteirão estão localizados o posto de saúde, a creche e o centro comunitário. Durante o dia, há sempre circulação de pessoas, e no período da noite, a movimentação de jovens pelo local. Para os jovens, há uma quadra de futebol e, para as crianças, há alguns brinquedos, os quais os moradores reclamam sobre o estado de conservação dos mesmos. Para os adultos, além da sombra oferecida pelas árvores e os bancos para o desfrute do lazer, há uma academia de ginástica ao ar livre.



Figura 4:O interior da Praça Dr. Oswaldo Vergara

Fonte: Arquivo pessoal

A praça é o local de encontro e lazer de jovens e crianças, onde diariamente jogam futebol, sentam, conversam e misturam-se em meio à quadra de futebol. A praça é também o ponto de encontro de alguns casais e o local onde os moradores levam seus pets para passear. Ao refletir sobre os lugares mais importantes do bairro para esta pesquisa, eu diria que a praça foi meu ponto de encontro e observação, pois ali pude ter contato com vários moradores, seja os que estavam sentados em baixo das árvores, seja os que por ali circulavam.

A praça é um local ambíguo, pois ao mesmo tempo em que ela é um ponto de encontro e lazer, por ter essas características, conforme os moradores, ela oferece alguns riscos e perigos, principalmente para crianças, como será abordado mais adiante.



Figura 5: Roda de capoeira na Praça Dr. Oswaldo Vergara

Fonte: Arquivo pessoal

Se o interior do bairro representa o “pedaço”, logo a praça representa a centralidade desse pedaço. Conforme Magnani (1992), uma das características do pedaço é que o mesmo “remete a um território que funciona como ponto de referência - e, no caso da vida no bairro, evoca a permanência de laços de família, de vizinhança, origem e outros-, [...]” (MAGNANI, 1992, pg. 197) E a praça é este ponto referencial, o ponto de encontro entre os moradores. É nesse espaço que, conforme o autor supracitado, “é aí que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia a dia, a prática da devoção, o desfrute do lazer, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais.” (MAGNANI, 1992, pg. 193)

1.3 Os caminhos da Vencato e o exotizar o familiar

Após iniciar o mestrado e ter contato com as disciplinas teórico-metodológicas, passei a caminhar pela Vencato, mas não o caminhar meramente para se deslocar, pois passei a caminhar enquanto pesquisadora. O caminhar sem traçar trajetos, percorrendo novos ou velhos caminhos, é essa errância urbana que, para Careri (2013), nos possibilita ter diferentes olhares sobre um mesmo local, passar em uma rua nunca é a mesma coisa, nunca se tem a mesma paisagem, pois há movimentação, há circulação de pessoas, de animais, de carros e motos, que cotidianamente transformam aquele espaço, dando novas atribuições ao mesmo. Surgiram outras provocações, como ser moradora local e pesquisadora, por exemplo. Se ser moradora me aproximava do campo, como pesquisadora era preciso realizar o movimento inverso e me distanciar, para assim estranhar o que me era familiar. Velho (1978) tece algumas reflexões sobre o distanciamento que se deve ter para garantir a objetividade do trabalho. Para tanto, é necessário que se criem técnicas para distanciamento, e que assim as falas dos interlocutores, juntamente com a minha “imagem” do bairro, não caiam em um senso comum. O autor recorre aos estudos de Da Matta e chega à conclusão de que “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido, e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido.” (VELHO, 1978, p.39) Sendo assim, o fato de duas pessoas pertencerem à mesma sociedade não faz com que seus valores e visões de mundo não sejam diferentes em razão das distâncias sociais. Nesse sentido, a Vencato se apresenta na sua diversidade, considerando aspectos que são familiares ou exóticos para mim. Pensando o espaço público como o lugar da diversidade, Sennet (1998) afirma que “a cidade é o instrumento da vida impessoal, o molde em que a diversidade e a complexidade de pessoas, interesses e gostos tornam-se disponíveis enquanto experiência social.” (SENNET, 1998, pg. 414) Nessa linha de raciocínio, ao refletir sobre os espaços públicos, seriam nos caminhos da Vencato, e nesses encontros e trajetos de crianças e adultos onde estaria refletida a diversidade do bairro.

Segundo Velho (1978), só é possível estranhar o familiar quando conseguimos confrontar intelectual e emocional as diferentes versões e

interpretações existentes sobre os mesmos fatos e situações. Enquanto moradora, esse confronto se deu não apenas ao observar o bairro “de perto e de dentro”, mas quando me desloquei até a casa dos familiares das crianças da capoeira. No total, dialoguei com dez famílias, sendo que optei por não realizar entrevistas formais, mas conversas informais, que foram guiadas através de um roteiro preestabelecido. Mesmo tendo a autorização, por questões éticas não identifiquei as famílias, e as descreverei de uma forma mais geral, pois nosso objetivo não é compreender o indivíduo, porém, a partir dessas pessoas, a dinâmica social. As visitas foram marcadas com antecedência e todas ocorreram nas casas das famílias no período da manhã ou da tarde. As conversas aconteceram na sala ou na cozinha das casas, e, no momento da visita, a maioria das responsáveis estavam sozinhas ou acompanhadas de seus filhos. Em grande parte, as casas são pequenas e localizam-se no interior do bairro, umas mais próximas à praça, outras mais distantes. As casas possuíam de dois a três cômodos, sendo cozinha e sala em um mesmo ambiente e um quarto para o casal e a criança, possuindo apenas contrapiso. Como as conversas foram realizadas na cozinha ou na sala, não tive acesso ao restante da casa. Ao longo da conversa, as responsáveis expuseram suas histórias de vida, bem como seus problemas pessoais e financeiros. Muitas famílias passam por sérias dificuldades e recebem apoio financeiro de familiares, amigos e vizinhos, assim como dos programas assistenciais do governo. Esta relação de ajuda que os moradores recebem de outras pessoas não está presente apenas na Vencato, pois se evidencia nos bairros populares. Fonseca (2004) afirma que,

Mesmo se certas pessoas entram nos sindicatos, mesmo se estabelecem seu nicho dentro de uma categoria profissional, política ou religiosa, uma tal afiliação não substitui o pertencimento ao grupo residencial. Pelas redes de parentesco e de ajuda mútua, esse último garante aos seus membros um acompanhamento durante as rotinas cotidianas — acompanhamento este que é difícil achar fora dos bairros populares. Essa ambivalência, consequência dolorosa de um processo que poderíamos chamar (num paralelo grosseiro à psicologia individual) de “individação social”, está presente em todas as estratégias empregadas para “subir na vida”. Coesão, cisão — solidariedade, individualismo. Respostas lógicas às condições de precariedade econômica e política, essas duas tendências aparentemente contraditórias são estratégias empregadas em alternância pelas pessoas não somente para sobreviver, mas também para vencer na vida. E longe de se anularem mutuamente, é, de certa forma, a interação das duas que contribui para o caráter particular da cultura popular tal como se manifesta nessa pesquisa. (FONSECA, 2004, pg. 58)

Partindo da perspectiva De Certeau (2000), o bairro se define como uma organização coletiva de trajetórias individuais. Sendo assim, para compreender a dinâmica do bairro foi preciso conhecer suas famílias e, diferente dos contatos que tive anteriormente, nessas conversas tive acesso às diferentes realidades das famílias e das crianças. Entretanto, mais do que isso, tive acesso à realidade do bairro e da própria cidade. Problemas infraestruturais que afetam as pessoas, como as enchentes do rio Jaguarão, e casos de extrema pobreza diante da falta de políticas públicas e programas sociais que atendam a demanda das comunidades em situação de vulnerabilidade social. Há de se refletir que essas famílias moradoras de um bairro periférico encontram-se às margens da cidade, assim como às margens do Estado. E foi nesse momento em que me foi permitido ter uma aproximação maior com essas famílias que pude perceber a alteridade de uma forma mais clara, pois ainda que moremos no mesmo bairro, a realidade dessas famílias difere da minha. Analisando de uma forma mais ampla todos os moradores do bairro Vencato, chega-se à conclusão que todos compartilham um espaço urbano comum, porém cada um o vivencia de uma forma distinta, cada um se utiliza do mesmo de uma maneira diferente, da mesma forma que cada um tem um modo distinto de perceber o bairro e a cidade. Agier (2015) traz a importância de se refletir a cidade através das margens, pois esta abordagem permite que a cidade seja analisada a partir de seu interior, através de seus cidadãos. Portanto, para o autor “a descrição e a compreensão do movimento permanente de transformação urbana no tempo e no espaço que podem constituir a contribuição do olhar antropológico sobre a cidade. Este movimento é o de “fazer-cidade”. (AGIER, 2015, pg.484)

De Certeau (1998) faz uma análise antropológica sobre as práticas cotidianas, as “maneiras de fazer” a cidade, os modos como os habitantes se apropriam dos diferentes espaços e a capacidade de inventar e reinventar o cotidiano diariamente.

1.4 O paradoxo violência/ infância

O Bairro Vencato fica situado em uma zona periférica da cidade de Jaguarão. Para além de ser um território periférico, o mesmo se encontra às margens do Rio Jaguarão, fator este que, desde o seu loteamento até os dias atuais, em períodos de chuva atinge os moradores. Em épocas de enchentes, os moradores são obrigados a deixar suas residências, dirigindo-se para os abrigos oferecidos pela prefeitura, que geralmente é a quadra de esportes do Ginásio Municipal. Como será abordado mais adiante, atualmente o bairro não compreende apenas o loteamento do Sr. Frederico, passando a abranger outras áreas que já eram ocupadas antes mesmo do loteamento, fazendo com que gerasse um estigma de local violento, que permanece até os dias atuais. Para o restante da cidade, o mesmo é conhecido por ser um bairro perigoso, com vários pontos de vendas de drogas, e por haver um grupo de jovens que se intitulam como “Comando Vencato”. Este grupo é conhecido pelo envolvimento em brigas e conflitos, com grupos de outros bairros, que geralmente ocorrem na região central cidade. Esta pequena explanação é para que se compreenda o ponto onde se pretende chegar. Vale ressaltar que a violência e o grupo acima citado não são o foco desta etnografia, porém não há como falar do bairro sem citá-los. Iniciei ir a campo com a visão “de fora e de longe”, de que o bairro seria um local perigoso. Porém, ao longo das observações comecei a perceber o grande número de crianças que circulavam pelas ruas. Sendo assim, “de perto e de dentro” não havia vestígio de violência, ou pelo menos não de forma explícita. No transcorrer das conversas com os moradores, quando questionava sobre o bairro ser conhecido como um local violento e o que os mesmos achavam sobre esse assunto, a grande maioria afirmou que o bairro era um local calmo, que havia apenas a “gurizada da praça” que estava sempre ao redor fazendo “baderna”, principalmente durante a noite e ao longo da madrugada. Ainda sobre assaltos e arrombamentos de casas, vários afirmaram que isso pouco ocorria no bairro, e quando havia, eram pessoas de outras localidades que se deslocavam até o local para arrombar, pois no bairro os moradores se conheciam e se “respeitavam”. Esses relatos me remetem a Magnani (1992), quando o autor aborda o que é ser do pedaço:

Para uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho, à precariedade dos equipamentos urbanos e a um cotidiano que não se caracteriza, precisamente, pela vigência dos direitos de cidadania, pertencer a um pedaço significa dispor de uma referência concreta, visível e estável - daí a importância do caráter territorial na definição da categoria. Pertencer ao pedaço significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os "bandidos" da vila, de alguma forma, acatam. (MAGNANI,1992, pg.193)

Essas características do autor sobre o que é ser do pedaço estão muito presentes na fala dos moradores sobre o bairro quando os mesmos afirmam que “todos se conhecem” e “todos se respeitam”.

A partir de minha observação e do relato dos moradores, passei a questionar-me sobre esse paradoxo, pois se por um lado há o estigma de um local violento, como poderia haver tanto a presença das crianças na rua e, principalmente, a convivência entre jovens e crianças na praça?

Como já exposto, a praça é o local onde os jovens se encontram para jogar futebol e, na maioria das vezes, permanecem no local até a madrugada. Ao longo da pesquisa, tive contato com diversos moradores que, em sua grande maioria, relataram a praça como sendo um local perigoso para as crianças estarem sozinhas, pois há este convívio entre jovens e crianças. Há relatos de que as crianças que se recusaram a fumar com os maiores foram queimadas com o próprio cigarro. Também há relatos de moradores que dizem não se importar com essa convivência entre ambos, pois já explicaram para seus filhos o que é certo e o que é errado, e a partir de então eles devem saber o que fazer com relação a isso. Outro ponto a ser ressaltado é que a praça propicia a construção de uma rede de amizade entre jovens e crianças que ali convivem e, principalmente, as famílias que moram no entorno. Quando perguntei a alguns meninos que frequentam a capoeira e a praça sobre quem eram seus amigos no local e de onde se conheciam, conforme as narrativas dos mesmos muitos se conhecem a partir da escola, outros passaram a frequentar a praça por ser o caminho da escola, e no retorno para casa, sempre tem alguém jogando futebol. Outro fator que foi ressaltado é a locadora de videogame existente no bairro, pois muitos se conheceram através dela. Assim como a praça, a locadora é frequentada tanto por crianças como por jovens. O estabelecimento situa-se fora do pedaço, pois está localizada na parte que compõe a zona comercial do bairro. Para tanto, os meninos têm de se deslocar em direção ao centro da cidade. Os trajetos realizados pelos meninos se dão de forma aleatória, e dependem se os

mesmos estão sozinhos ou se estão acompanhados. Dependem também de quem está no grupo. A relação familiar também apareceu nos relatos. Primos e irmãos mais velhos foram citados como elos de ligação nessa rede de amizades. Na praça, os trajetos se cruzam e as pessoas se encontram.

Cohn (2005) afirma que no estudo com crianças a observação participante pode ser completada com outros recursos, como coletas de desenhos, pequenas redações e registros audiovisuais, assim como a autora Pires (2007) discute métodos e técnicas de pesquisa utilizadas pela antropologia no estudo com crianças. Além da observação participante, e como uma complementação para a mesma, a autora utiliza desenhos, fotografias e filmagens. Ainda, conforme a mesma, os desenhos propostos podem ser livres sobre o assunto ou por temáticas. Sobre o papel do desenho, a pesquisadora afirma que,

Ao desenhar sobre um tema proposto, as crianças colocam no papel o que lhes é mais evidente. Nesse sentido, o desenho é um material de pesquisa interessante para captar justamente aquilo que primeiro vem à cabeça aquilo que é mais óbvio para a criança. Porém, quando combinado com a observação participante, é que os dois instrumentos potencializam a sua utilidade. Os desenhos podem funcionar como um guia para a observação participante. Com os desenhos à mão, é possível direcionar o olhar para a realidade de acordo com os tópicos levantados pela população estudada. De outro lado, a observação participante dá corpo ou refuta as sugestões que os desenhos engendram. (PIRES, 2007, p. 236)

Importante ressaltar que dentre os recursos citados por Cohn (2005) e Pires (2007), nesta etnografia a observação participante foi complementada apenas com a coleta de desenhos, os quais foram elaborados pelas crianças em suas casas e durante as aulas de capoeira, e com as fotografias realizadas pela autora.

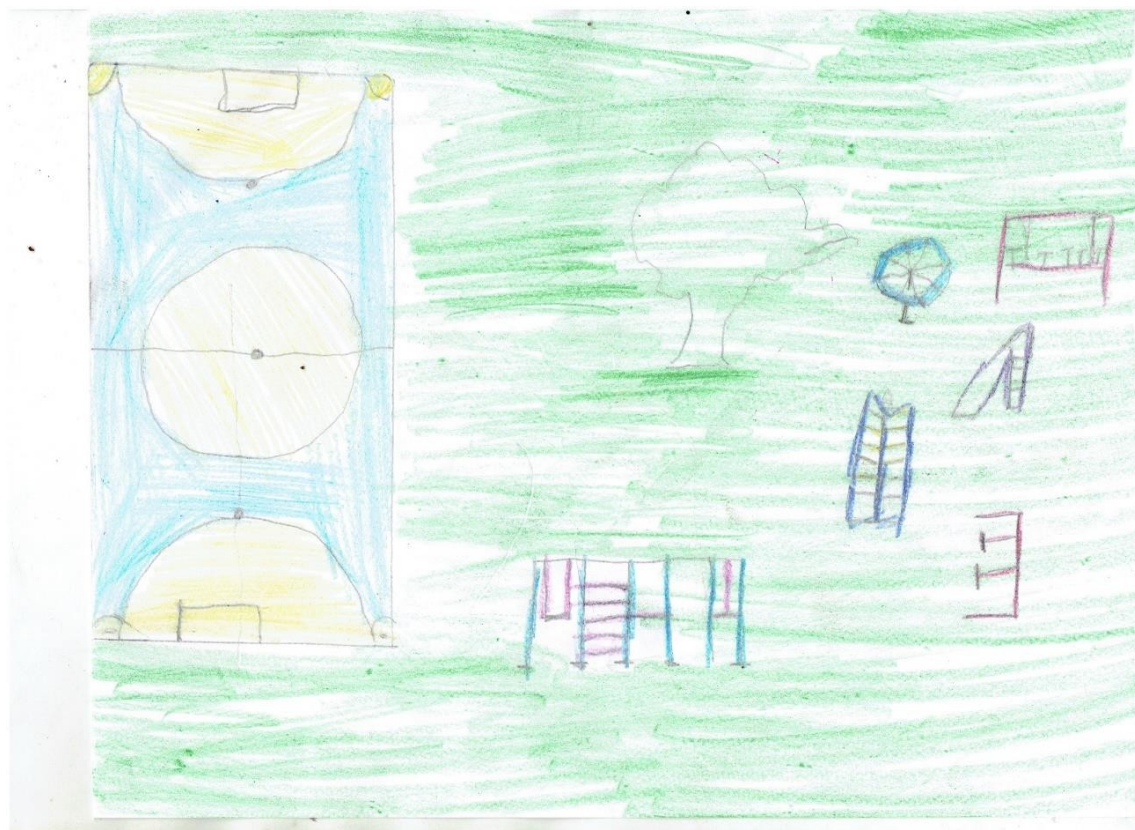


Figura 6: Desenho da praça realizado pelo aluno Enzo

Fonte: Arquivo pessoal

Após a confecção, quando pedi a Enzo que me falasse um pouco sobre seu desenho, o mesmo afirmou que seria a praça do bairro, e que ele gostava dela, pois na praça encontra seus amigos, joga futebol e brinca nos brinquedos. Enzo tem doze anos, e ao ser questionado sobre os brinquedos, o menino afirmou que quando não tem crianças menores na praça ele e seus amigos brincam nos brinquedos, e que isso geralmente acontece à noite, enquanto o outro grupo joga futebol. (Enzo, diário de campo, 24 de setembro de 2018)

Quando falamos em perigos, crime e medo, é pertinente ressaltar sob qual princípio está se partindo. Caldeira (2000) afirma que,

A vida cotidiana e a cidade mudaram por causa do crime e do medo, e isso se reflete nas conversas diárias, em que o crime tornou-se um tema central. Na verdade, medo e violência, coisas difíceis de entender, fazem o discurso proliferar e circular. A fala do crime- ou seja, todos os tipos de conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que têm o crime e o medo como tema- é contagiante. Quando se conta um caso, muito provavelmente vários outros se seguem; e é raro um comentário ficar sem resposta. A fala do crime é também fragmentada e

repetitiva. Ela surge no meio das mais variadas interações, pontuando-as, repetindo a mesma história ou variações da mesma história, comumente usando apenas alguns recursos narrativos. Apesar das repetições, as pessoas nunca se cansam. Ao contrário, parecem compelidas a continuar falando sobre o crime, como se as infundáveis análises de casos pudessem ajudá-las a encontrar um meio de lidar com suas experiências desconcertantes ou com a natureza arbitrária e inusitada da violência. A repetição das histórias, no entanto, só serve para reforçar as sensações de perigo, insegurança e perturbação das pessoas. Assim, a fala do crime alimenta um círculo em que o medo é trabalhado e reproduzido, e no qual a violência é a um só tempo combatida e ampliada. É nesses intercâmbios verbais do dia-a-dia que as opiniões são formadas e as percepções moldadas, isto é, a fala do crime não só é expressiva como também produtiva. As narrativas, diz Michel de Certeau, antecedem as "práticas sociais no sentido de abrir um campo para elas" (1984: 125). Esse é especialmente o caso das histórias de crimes. O medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros. A fala e o medo organizam as estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interações. Além disso, a fala do crime também ajuda a violência a proliferar ao legitimar reações privadas ou ilegais- como contratar guardas particulares ou apoiar esquadrões da morte ou justiceiros-, num contexto em que as instituições da ordem parecem falha. (CALDEIRA, 2000, pg.27)

Nesse sentido, a experiência do crime e a narrativa do crime compõem "os pares de oposição óbvios oferecidos pelo universo do crime, o mais comum deles sendo o do bem contra o mal." (CALDEIRA, 2000, p.28) De acordo com a autora, experiência do crime rompe o significado e desordena o mundo, em contrapartida, as narrativas dos crimes trazem à tona as experiências de violência, que resultam em uma nova concepção das experiências individuais, assim como, também, para o contexto local onde ocorreram. Sendo assim, as mesmas agiriam de forma a ordenar e ressignificar o universo, que até então teria perdido o sentido.

Para que se possa apreender este paradoxo é preciso que se compreenda o que é ser criança e como este conceito vem se modificando ao longo dos anos, para assim entender o que é ser criança na Vencato, um bairro periférico, à margem e em situação de vulnerabilidade social. Conforme Cohn (2005), a criança é um ator social que desde a infância passa a atuar na sociedade, e a diferença entre adultos e crianças, uma das questões a serem entendidas, é como essa criança formula um sentido ao mundo que a rodeia.

Conforme essa perspectiva, através das observações e dos dados coletados se inicia a reflexão do que é ser criança na Vencato. A presença das crianças se dá

de diferentes formas: as crianças que estão brincando nas ruas em frente às suas casas; as que estão circulando sozinhas pelo bairro, em seus diferentes trajetos, seja para a escola, para capoeira ou se deslocando para ir até outro local, como os comércios ou casa de amigos; e a presença das crianças na praça. Essa circulação de crianças se dá de uma forma geral e, por vezes, alternada. O que estou querendo dizer é que não vou separar as crianças por grupos.

Sendo assim, a mesma criança que está brincando em frente à sua casa pode ser a mesma que está na praça convivendo com os jovens. Ao conversar com os responsáveis sobre as crianças circularem sozinhas pelo bairro, a grande maioria disse não se importar, que isso é algo normal. Os que afirmaram ter receio em deixá-las andarem nas ruas relataram sobre a falta de segurança pública, pois algumas ruas são muito movimentadas, não são asfaltadas e, portanto, os carros passam rápido demais, podendo vir a machucá-las. Duas moradoras citaram o receio de pessoas vindas de outros bairros, seja para arrombamentos, seja por disputas pelo tráfico. A conclusão que se chega é que as crianças da Vencato e o conceito de infância que se tem, se aproximam de Cohn (2005) quando afirma que as crianças são atores sociais e estão na rua participando de diferentes redes. Cabe ressaltar que durante as observações, além de meninos jovens, presenciei várias meninas jovens frequentando a praça. Diferente dos meninos, as mesmas encontravam-se sentadas conversando e os observando jogar futebol. Com relação ao convívio de jovens e crianças na praça, é importante frisar que, se por um lado as mesmas frequentam a escola e são divididas por faixa etária, por outro lado, na rua, as mesmas andam juntas, há uma mistura de idades. Recorri aos estudos de Damatta (1997) para compreender esta relação entre “casa” e “rua”. Segundo o autor,

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DAMATTA, 1997 pg.15)

Conforme Magnani (1992), a praça é um lugar central no pedaço, no bairro. Na praça os caminhos se cruzam, as idades se misturam, assim como as redes de

vizinhança e parentesco. A praça, como o local de mistura e diversidade de experiências, que caracterizam os espaços públicos.

Conforme Magnani (2010), o pedaço é caracterizado pelo espaço intermediário entre o privado e o público, entre a casa e a rua, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla, no entanto, mais densa do que a gerada nos laços familiares. Fonseca (2004) aborda sobre a rua e os perigos que a mesma pode oferecer,

Essas ruas que sobem e descem — entre a miséria e a boa vida — podem ser vistas como uma alegoria da situação precária em que vivem os sujeitos deste estudo, de sanduíche entre duas classes, entre dois modos de vida. Um pequeno escorregão (paradoxalmente) para cima significa a queda, a entrada para a marginalidade. A esperança é de "subir na vida" até chegar à riqueza, à legitimidade que existe embaixo, perto da faixa. (FONSECA, 2004, pg. 48)

Esta imagem nos remete à fronteira entre o asfalto e o chão batido, bem como em relação às ruas alagadiças às margens do rio. Na Vencato, o fim do asfalto figura o limite entre o bairro e o “pedaço” do bairro.

2. Diferentes temporalidades: o processo de construção do Bairro Vencato e a relação entre periferia e centro

Neste capítulo será abordado o surgimento do bairro Vencato, suas transformações ao longo dos anos, assim como sobre o quanto este fator está relacionado com as pessoas que ali habitam. Em uma breve explanação, busco identificar os aspectos que geram o estigma local. Posteriormente, de uma forma geral, apresento a história das famílias e os espaços ocupados pelas crianças dentro do bairro. Neste capítulo são expostos alguns dados coletados durante a observação participante, analisados a partir de uma etnografia da duração, conforme esta, “o personagem da narração, ao contar suas lembranças e recordações de uma cidade vivida, evoca as imagens que relacionam as suas experiências ordinárias na cidade com as suas experiências pensadas da cidade”. (ECKERT E ROCHA, 2011, pg. 121) O relato nos faz moradores, permite-nos entender como se deu a transformação do bairro no tempo e no espaço, e para que se possa compreender esta transformação, Agier (2011) propõe olhar a cidade a partir de suas margens urbanas,

Pensar a cidade a partir dos espaços precários e certo despojamento de bens, sentidos e relações que desenha a sua primeira imagem, a de uma cidade nua, simples aglomeração densa e heterogênea que se fixa e se transforma sem projeto inicial de cidade. Essa precariedade é perceptível no tempo e no espaço porque esses lugares aparecem, transformam-se ou desaparecem rapidamente; eles surgem em certa medida, dessa incerteza material e econômica do mundo atual que Zygmunt Bauman qualifica de “modernidade líquida”. Mas sua precariedade é também política. Desse ponto de vista, qualquer antropologia das margens urbanas descobre o seu verdadeiro sentido numa antropologia “às margens do Estado. Qualquer etnografia de fora (hors-lieux) – margens, interstícios, espaços de trânsito, lugares precários, acampamentos e campos – implica necessariamente uma antropologia do ban-lieu, lugar de confinamento de banido, cujo afastamento político e territorial permite todas as dominações e exclusões, sejam elas econômicas, culturais ou “raciais”. (AGIER, 2011, pg.39,40)

O bairro Vencato, muito além de estar localizado às margens do rio Jaguarão, assim como outros bairros periféricos, está em meio a uma vulnerabilidade social, que compõe as manchas urbanas.

2.1 A Vencato no tempo e no espaço

Para que se possa compreender algumas ambiguidades e estigmas que o bairro carrega é preciso entender um pouco como se deu a formação do que é hoje a Vencato. Dessa forma, contextualizarei sobre a história do bairro, bem como sobre as outras áreas ao entorno, como a rua do Cordão, que mesmo antes da formação do bairro se constituía como um território negro da cidade. E, a partir das novas demarcações da prefeitura, as mesmas passam a fazer parte do bairro. Para tanto, utilizo alguns dados coletados durante a pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

O bairro Vencato leva este nome porque surgiu através de um loteamento particular, realizado pelo senhor Frederico Vencato, onde, em meados de 1973, supostamente com os avanços urbanísticos e visando gerar lucros, resolveu lotear uma parte de sua chácara, que inicialmente chamou-se Vila Vencato. A “Chácara do Galo” é assim chamada porque em cima de seu portão de entrada havia um galo de ferro acompanhado de uma rosa dos ventos. Segundo informações, sua arquitetura é datada de 1898, no auge das riquezas jaguarenses. Conforme dona Adélia Vencato, filha do Sr. Frederico, a chácara foi adquirida por sua família muitos anos antes de seu loteamento. Além de residir no local, também criavam animais, como ovelhas, gado, cavalos e galinhas, e diversas árvores frutíferas. A chácara ficava localizada perto da cidade, e sua entrada era, e ainda é, na rua que dá acesso ao Cemitério das Irmandades, mais conhecido popularmente como “Cemitério dos Ricos”. Com o processo de desenvolvimento urbanístico, a população em seu entorno foi crescendo. Sobre o processo de urbanização jaguarense, MARTINS (2001) afirma que conforme a documentação existente, a partir do início do século XX houve um crescimento na cidade, diminuindo a população rural e aumentando a população urbana, que se direcionaram para as periferias. E esses espaços suburbanos se deram em cima dos terrenos das antigas chácaras mais próximas a cidade. Ainda conforme o trabalho do autor, a cidade era dividida por setores: A,B,C,D e E. Desses setores, os que mais tinham crescimento eram os que ficavam ao norte da cidade, os setores B e D (setor B, atual bairro Vencato). Esses, por sua vez, sofriam uma desvalorização econômica devido ao desaguamento das águas do rio Jaguarão em períodos de enchente, vindo a serem ocupados por camadas mais

baixas da população ou para funções não compatíveis com as áreas centrais da cidade, como os cabarés, que desde o final do século XIX ocupam o mesmo espaço, chegando a ter uma rua que ficou conhecida como “Rua dos Prazeres”. Conforme o IBGE, entre os anos de 1970 a 1991, a cidade de Jaguarão teve um aumento em sua população urbana e uma diminuição em sua população rural. Esse fator pode ser justificado, pois no entorno da cidade e das áreas centrais haviam chácaras que eram consideradas de perímetro rural. Com a expansão urbanísticas, elas foram loteadas, transformando-se em vilas. O loteamento foi divulgado por diversas vezes no jornal da cidade, onde, segundo o jornal A FOLHA da época, os terrenos eram vendidos a prestação, preços abaixo do mercado, chegando um dos anúncios a dizer que, “[...] no loteamento da Chácara do Galo existem terrenos próximos ao rio, sem perigo, ao preço de 5 carteiras de cigarro por mês. (Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 6 de outubro de 1979).

Para as pessoas de baixo poder aquisitivo restavam apenas os loteamentos nas zonas periféricas da cidade. Este que é foco do estudo chegou a ser chamado de “baixada”. Ao questionar alguns moradores sobre esse termo, muitos me afirmaram que provavelmente se deve às inúmeras confusões em torno dos cabarés. Uma das interlocutoras lembrou que nessas ruas “moças direitas” não podiam passar. No período da Ditadura Militar, à noite, o exército circulava pelas ruas frequentemente, encaminhando para o presídio quem estivesse perambulando. Em Olhares sobre Jaguarão, Dias (2010) afirma que a cidade propriamente dita era em torno da praça, “havia depois as aldeias e subúrbios”. Entre tantas, destaca a Chácara do Galo, a rua do Cordão e a Chácara dos Cerqueiras, territórios que juntamente a outros formam hoje o bairro Vencato. A rua do Cordão, atual Barbosa Neto, é assim conhecida porque era o local onde moravam as Negras Minas, comunidade de ex-escravos que tornaram esse espaço um representativo território negro. Segundo Nunes (2010), a rua do cordão é o berço da negritude jaguareense após o fim da escravidão. A autora ainda afirma que entre os blocos de cordões existentes em Jaguarão havia um bloco chamado de Minas, “um bloco formado por negras vestidas com indumentárias africanas, com turbantes e roupas brancas.” (NUNES, 2010, pg. 46) A Chácara dos Cerqueiras estava localizada mais ao norte da Chácara do Galo, e, a princípio, também foi loteada por questões urbanísticas e pelo avanço populacional. O território que hoje pertence ao bairro foi e é muito conhecido também pelas inúmeras casas de umbanda, casas de batuque e terreiras

existentes no mesmo. Nunes (2010) traz um dado importante sobre a formação da umbanda na cidade de Jaguarão, em que as primeiras terreiras estavam situadas no território que atualmente forma o bairro Vencato. Conforme a autora, um de seus interlocutores, o Mestre Vado, afirma que “outra possível vertente cultural de influência na formação dessas cordas de carnaval. Ao se lembrar dos cordões funerários africanos, realizados pelos antigos escravos jaguarenses, radicados à rua do Cordão após o fim da escravidão”. (NUNES, 2010, pg. 53)

Mesmo se tratando de um loteamento particular, o mesmo já se iniciou com problemas infraestruturais. Além de muitos terrenos estarem localizados à margem do rio Jaguarão, à mercê de enchentes, o loteamento começou apenas com a abertura das ruas, tendo os moradores que se mobilizarem em prol de melhorias para o local. Quando os primeiros moradores chegaram só encontraram mato. Ao redor da localidade havia poucas casas, umas distantes das outras, ao norte a Chácara do Galo, ao sul, a rua do cordão e toda área já conhecida como a “baixada”, a leste, o Cerro das Irmandades, e a oeste, toda a encosta do rio Jaguarão, que faz o contorno em todo o bairro. Como se tratou de um loteamento planejado, dona Adélia me possibilitou ter acesso à planta do mesmo.



Figura 7: Planta do loteamento Vencato

Fonte: Arquivo pessoal D. Adélia Vencato

Conforme a planta, o loteamento vai até os espaços já ocupados como a rua do Cordão, e na “linha divisória” encontrava-se uma grande sanga, que ficou conhecida como a rua do Pantano, que em dias chuvosos alagava todo o entorno.

Segundo os interlocutores e o jornal local da época, os terrenos foram vendidos parcelados e a um preço bem abaixo do mercado. Além da venda dos terrenos, há relatos de que o senhor Vencato doou alguns terrenos para pessoas necessitadas, bem como para alguns de seus empregados. Além disso, com o passar do tempo, e o bairro já estruturado, o mesmo doou para a comunidade o terreno onde hoje está localizada a praça, sendo uma parte para a construção da escola. Na imagem a seguir fica mais clara a delimitação do bairro, tanto o princípio do loteamento quanto a atual delimitação.

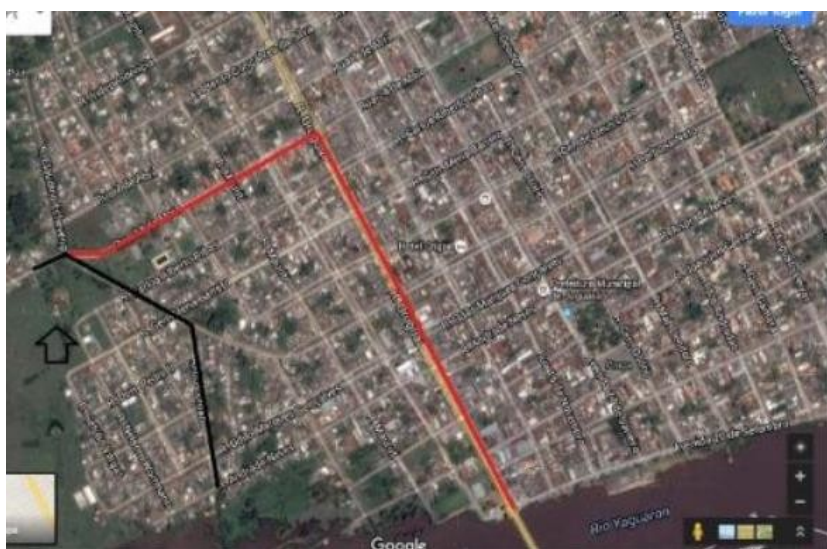


Figura 8: Delimitações Bairro Vencato

Fonte: Google Earth

A representação em preto mostra os limites do loteamento do senhor Frederico Vencato, bem como a seta indica o local da Chácara do Galo. Posteriormente nota-se uma bifurcação em uma das ruas, que compreende a rua do Cordão e, consecutivamente, as outras áreas já ocupadas. A representação em vermelho evidencia a atual delimitação do bairro, ao sul da rua Uruguai, compreendendo o lado esquerdo da rua 24 de Maio até a beira do Rio Jaguarão.

Ao questionar os moradores sobre o motivo pelo qual escolheram comprar seus terrenos naquele local, todos afirmaram que escolheram o local pela questão da localidade e a proximidade com o centro da cidade.

Para que se possa analisar as narrativas do moradores é preciso que se reflita sobre a etnografia da duração. Conforme Eckert e Rocha (2011),

A pesquisa etnográfica da duração, apoiada nos estudos de identidades narrativas de pessoas, grupos sociais e/ou comunidades trata do fenômeno da construção da continuidade das formas do social no tempo, tendo por base seu fundo de descontinuidade (Bachelard, 1988, p. 16). A memória como duração não se apresenta como um dado imediato da consciência, mas construção laborada no tempo recorrente do viver social, este último, de igual forma, tributário dos trabalhos da imaginação criadora de que todos somos portadores (Bachelard, 1988, p. 16). Nos contextos urbanos, marcados por múltiplas identidades e pertencas que configuram uma complexidade nas dinâmicas histórico-sociais o estudo da memória coletiva promove as configurações dessas pluralidades de durações, nas biografias narradas. (ECKERT E ROCHA, 2011, pg.114)

Sob esta perspectiva, trarei alguns relatos de moradores com relação a construção do bairro ao longo dos anos. O Senhor Orocildo, morador do bairro há quarenta anos, relembra que

[...]acabei escolhendo aqui porque achei bom o lugar, pertinho do centro, e no momento em que realmente o bairro se formasse ia ser bom, e aqui achei que valia mais a pena, das vilas, essa era a mais perto. E outra coisa, era mais barato do que nos outros lugares, se compro a prestação [...]. Eu vim pra cá, mais ou menos em setenta e quatro, setenta e cinco, uns quarenta anos atrás por aí. Eu me lembro que não tinha casas, em todo lote, deveria ter umas dez casas, mas eram bem espalhadas, até fora do lote do Vencato eram poucas casas. Ah! Eu acho que demorou um pouco para lotear, sim, imagina até agora, 40 anos depois, tem uns terrenos baldio. (S. Orocildo Coelho, diário de campo, 2 de outubro de 2015)

Neste outro relato, a moradora Dona Santa traz alguns elementos sobre o bairro e como se davam as relações para com os antigos prefeitos,

A gente mora aqui há trinta e um anos, vim pra cá em oitenta e quatro. Aqui na volta era tudo campo, os esgoto passavam tudo a céu aberto, tinha uma casinha ali, uma casinha aqui [...] O bairro foi crescendo aos poucos, devagar, era mais campo mesmo, mas já tinha água e luz na minha rua quando eu vim pra cá. Só tinha a casa da esquina ali e essa do lado. Aqui dobrando tinha uma ou duas casas também, não me lembro. Ali na outra quadra já tinha umas duas também. Já tinha a creche quando eu me mudei. Depois o pessoal pediu pra ter escola também. Era bastante criança na volta. Depois se pediu para o prefeito traze um postinho de saúde. Tudo ia e se pedia direto pro prefeito, sem frescura, a gente

conversava aí na comunidade e eles levavam os pedidos [...]. (D. Santa Duarte, diário de campo, 29 de setembro de 2015)

Além do relato dos moradores, por meio da Ata da Câmara de Vereadores da cidade pude acompanhar alguns destes abaixo-assinados e os pedidos que eram feitos pelos moradores. “Proposições verbais do Nobre Vereador Victor Hugo Nieto que solicita enviar sugestão ao chefe do executivo no sentido de instalar água na Chácara do Galo, de acordo com o abaixo assinado dos moradores.” (Câmara Municipal de Jaguarão. Atas da Câmara Municipal de Jaguarão. Livro de 1973-1980. Ata nº 1194, dia 21 de novembro de 1978.p. 227.)

A partir desses relatos e da ata da Câmara de Vereadores podemos refletir sobre o início do bairro e como os moradores se articularam para que o bairro tivesse as infraestruturas básicas. Não se pode deixar de lado o fato de que, além da localidade, por ser mais próximo ao centro da cidade, outro fator talvez tenha impulsionado na compra dos terrenos: o valor acessível pelo qual os mesmos foram vendidos. Como já exposto anteriormente, mesmo se tratando de um loteamento particular o mesmo se iniciou sem infraestruturas, tendo que os primeiros moradores se mobilizarem para que tivessem acesso às necessidades básicas, como água e luz. A forma encontrada foi a realização de vários abaixo-assinados, que eram levados até a prefeitura municipal. Se por um lado a falta de estruturas básicas afetou diretamente os primeiros moradores, por outro fomentou a organização dos moradores para reivindicar melhorias para o bairro, como relembra o Senhor Orocildo,

Naquela época quando a gente se mudo, não tinha água, nem luz. Foi uma luta pra ligarem. A gente tinha que fazer abaixo assinado, e tu imagina, eram poucas pessoas que assinavam, porque era poucas pessoas que moravam, daí demoravam pra atender o pedido, né? Era difícil, mas sempre se conseguia. Além da água, da luz, a gente reivindicava por causa das ruas também que eram tudo em campo, só tinha o trilhadouro pra passa, então quando comecei a fazer a casa, pro caminhão dos materiais entra aqui, era brabo. [...]. (S. Orocildo Coelho, diário de campo, 2 de outubro de 2015)

Através da organização e reivindicação os moradores conquistaram as infraestruturas básicas como água, luz e outras demandas de que um bairro necessita, como a creche, a escola, o posto de saúde e os espaços de lazer. Com o

passar dos anos, e o aumento populacional, entre mobilizações, lutas e conquistas, o bairro Vencato se formou.

Após a chegada da água e luz, a primeira reivindicação dos moradores foi para que se tivesse uma creche no bairro. Não se sabe ao certo em que ano o Centro de Recreação Vovó Neneca, atual Escola Municipal de Educação Infantil Pato Donald, foi instaurada no bairro. O que se sabe é que o mesmo foi uma das primeiras demandas do bairro, visto que era grande o número de crianças pequenas, e as mães não tinham com quem deixar seus filhos para ir trabalhar. O Centro de Recreação Vovó Neneca era mantido pela prefeitura e funcionou primeiramente na capela da comunidade São Vicente de Paulo. Posteriormente, foi construído um prédio em alvenaria no atual terreno da praça.



Figura 9: Escola de Educação Infantil Pato Donald

Fonte: Arquivo pessoal

O prédio da nova creche foi construído no terreno doado pelo Sr. Frederico para a comunidade, e pode atender um maior número de crianças. Com as novas leis de diretrizes e bases passou a se chamar Escola de Educação Infantil Pato Donald.

O Centro Comunitário da Zona “C” foi instalado no bairro através de um convenio entre a prefeitura e os moradores, em que a prefeitura cederia o local e os materiais para construção e os moradores deveriam construí-lo. O mesmo projeto ocorreu em outros bairros que ainda não tivessem centros comunitários. A

construção do prédio se estendeu por anos com a realização de diversos mutirões por parte dos moradores, causando vários conflitos entre a prefeitura e os habitantes do local, pois a prefeitura não repassava os valores para a compra de material, assim como não enviava os materiais necessários para a construção. Antes de terem a sua sede pronta, os moradores já se mobilizavam e realizavam as reuniões no prédio da creche Vovó Neneca.



Figura 10: Centro Comunitário do Bairro Vencato

Fonte: Arquivo pessoal

A primeira ata é de 13 de março de 1986. Inicialmente, no centro comunitário eram realizadas reuniões voltadas às questões da comunidade em geral, votações e encaminhamentos de pedidos de melhorias para a prefeitura, como era mantido pela própria comunidade. Posteriormente, para angariar fundos, passaram a realizar bailes, discotecas, chás, bingos, quermesses, concursos, festivais populares, festas de casamentos, aniversários, festas em datas comemorativas, almoços e jantares dançantes. Nessas festas, além de angariar fundos para manter a sede ativa, muitas vezes foram realizadas em prol de moradores que estavam doentes, assim como para ajudar a capela da comunidade, a creche, a escola ou até mesmo colaborar com o corpo de bombeiros da cidade. Através do livro de atas fica evidente que com o passar do tempo o centro comunitário mudou sua concepção inicial. A rotina dos bailes aumentou, e vieram outras demandas. Nas reuniões, ao invés de serem discutidas questões sobre a comunidade, passaram a ser discutidas questões sobre a organização dos bailes. Dentro deste novo contexto, muitos moradores se

afastaram das atividades do mesmo e passaram a ter problemas com o centro comunitário, pois com os bailes aumentou a circulação da população vinda de outros lugares da cidade, aumentando o número de brigas e confusões na madrugada. Em seu relato, Dona Santa nos conta sobre o centro comunitário,

Os meus guris ajudaram a construir esse centro da comunidade. Meu marido mandava eles ajuda o seu Caraciollo. Foi coisa do prefeito isso, mas o seu Caraciollo e o seu Pedro quem tomaram conta e fizeram, no início era tão bom, depois inventaram de fazer bailes e ficou ruim. Antes era só a comunidade, era tudo unido, uns vizinhos ajudavam o outro pra que melhorasse, se fazia festas só pra nós, fazia reunião pra fala do bairro vinha o prefeito, vinha os vereadores, a D. Berenice, estava sempre na volta participando também. Com os bailes, veio o pessoal de fora, e dava muita briga, os vizinhos, até nós, a gente vivia tudo reclamando e pedindo pra para, até que um dia paro, depois se empresto pro posto de saúde, que o chalé lá estava todo pobre e paro com tudo de vez. (D. Santa Duarte, diário de campo, 29 de setembro de 2015)

Em sua descrição, Dona Santa relembra um pouco sobre a história da sede, e as finalidades do centro comunitário inicialmente e as mudanças ocorridas com o passar do tempo. Hoje em dia, o centro comunitário do bairro encontra-se em uso novamente e com a mesma lógica inicial, que é “um centro comunitário na comunidade, voltado para a comunidade”.

A escola de Ensino Fundamental Fernando Correa Ribas chega ao bairro no ano de 1988, também sendo um convênio entre a prefeitura e os moradores. Conforme relatos, existia um chalé em madeira que havia sido desocupado. Em conversa com a prefeitura, os moradores questionaram o prefeito se os mesmos poderiam utilizar o chalé e criar uma escola no bairro. A prof. Joana relata um pouco sobre como a escola chegou ao local:

Eu acompanho a escola desde outubro de 88, eu me lembro que a primeira escola foi um pedido dos moradores em convênio com a prefeitura. A escola era de chalé, ali onde é o posto de saúde hoje. A escola funcionava com duas turmas de primeira série, uma de manhã e outra de tarde, e de tarde tinha mais duas turmas, uma de segunda e uma terceira e quarta série juntas, era um total de sessenta, setenta alunos. Os alunos moravam nas redondezas da escola, e os pais vinham bastante na escola também. O espaço ali era muito pequeno, e queria se ampliar a escola, mas tinha um problema, como a escola era na praça, se aumentasse a escola, a comunidade iria ficar sem a praça, então houve várias reuniões na comunidade sobre o novo local da escola. (Professora Joana Oliveira, diário de campo, 16 de setembro de 2015)

Nessa descrição, mais uma vez, fica evidente o protagonismo da comunidade e sua luta para que as crianças do bairro não precisassem se deslocar para irem à escola, bem como a mobilização dos moradores para juntos decidirem onde seria o novo local da escola.



Figura 11: Escola Dr. Fernando Correa Ribas

Fonte: Arquivo pessoal

O novo prédio em alvenaria foi construído em outro terreno e entregue para a comunidade no ano de 1994.

O posto de saúde Dr. Carlos Olavo Corrêa Chaves chega ao bairro no ano de 1995. Segundo relato dos moradores, o mesmo também foi um pedido da comunidade para a prefeitura, em que após várias reuniões foi atendido. Inicialmente, o posto foi instalado no antigo chalé onde era a escola. Após onze anos o prédio já se encontrava sem condições de uso e, após várias reuniões, a comunidade para não ficar sem esse benefício emprestou a sede do centro comunitário para a instalação do posto, até que se construísse um novo prédio.



Figura 12: Posto de saúde Dr. Carlos Olavo Corrêa Chaves

Fonte: Arquivo pessoal

Por intermédio do relato dos moradores fica evidente que desde o princípio do bairro houve todo um planejamento por parte da prefeitura junto dos moradores sobre os espaços de lazer. Um exemplo disso é o relato da Prof. Joana ao relembrar que houve várias discussões de onde seria a nova escola, pois se fosse no mesmo terreno, perderiam o terreno da praça. A revitalização da mesma e o projeto academia nos bairros fez com que os moradores passassem a frequentar a praça novamente. Atualmente, os brinquedos se encontram sem condições de uso, porém os moradores utilizam a academia, a quadra de futebol e o espaço de lazer da praça.

Como pode-se perceber, ao longo dos anos o bairro passou por diversas transformações e está sempre em constante mudança. Se faz e se refaz, pois são os cidadãos, as pessoas que ali vivem as mais diversificadas experiências que se utilizam de diversas formas dos diferentes lugares.

O tema do carnaval e das escolas de samba apareceram em diversas narrativas. As escolas de samba eram Sociedade Bandeira Branca e Dragões do Mé, as quais abordarei na sequência.

A Sociedade Recreativa Bandeira Branca foi uma escola de samba criada pelo senhor Dinei, para a alegria do povo da Vencato, segundo relatos informais de moradores. Os ensaios eram realizados na praça do bairro. A escola de samba manteve suas atividades por um curto período de tempo, em torno de dois ou três

anos, tendo seu fim devido a conflitos internos de diretoria. Durante o ano, realizava atividades para angariar fundos para a mesma e auxiliar outras entidades, como encontrei nas atas do Centro Comunitário do bairro e nos jornais da época, “[...] “1ª Festival de Interpretes da Musica Regionalista”, sob coordenação da Diretoria da Sociedade Recreativa Bandeira Branca, para os dias 8 e 9 de junho no Teatro Esperança [...] Parte da renda será destinada ao Corpo de Bombeiros de nossa cidade.”(Jornal A folha Dia 18 de junho de 1988, pg.02) Posteriormente a essa escola de samba surgiu outra, a Dragões do Mé. De acordo com S. Curtinho, ele, juntamente com outros amigos e vizinhos do bairro, resolveram criar um bloco, que posteriormente virou uma escola de samba, os Dragões do Mé. Estiveram na passarela por pelo menos dez anos e, segundo o mesmo, em todos os anos que saíram foram premiados. Na estante da sala de sua casa estão expostos dez troféus, os quais ele mostra com orgulho. Segundo o Sr. Curtinho, o bloco era mais para brincar, e durou até o ano de 2007, aproximadamente. Contava com integrantes do bairro e de outras localidades, porém, quem mais contribuía para o bloco eram os moradores do próprio bairro. Conforme Manuel, os ensaios davam-se em frente ao Centro Comunitário, onde se concentrava um grande número de moradores ao redor para acompanhar os ensaios, mobilizando a economia do bairro, pois nos ensaios, vendedores ambulantes se instalavam para vender cerveja, refrigerante e churrasquinho.

Mais do que descrever o contexto de surgimento e expansão do bairro, com este capítulo procurei evidenciar o quanto a história do bairro está ligada, direta ou indiretamente, com as vivências dos moradores da comunidade. Durante a conversa com as famílias, como a maioria são antigos moradores locais, muitos recordaram o princípio do bairro e como foram criados, como criaram seus filhos e agora seus netos.

O bairro Vencato está localizado não apenas às margens do rio Jaguarão e sua relação para com a fronteira Brasil-Uruguai, mas às margens da sociedade, um local onde desde o princípio os moradores tiveram de lutar em prol de melhorais. Um local que, mesmo anteriormente ao loteamento já era excluído da sociedade, por se tratar de um território negro e, posteriormente, por ter sido o local onde existiam diversos cabarés, o que gerou um estigma, decorrendo das brigas e confusões que se davam em torno dos cabarés. Esta região ficou conhecida como “baixada marginalizada”. Com o loteamento, esse território ganha uma nova faceta. Mesmo

pelas margens do rio, o valor baixo de seus terrenos atraiu moradores que construíram suas histórias de vida juntamente com a história do bairro. É importante pensar o bairro Vencato a partir das margens, pensar a cidade em constante movimento, onde tudo se faz e se desfaz. Conforme AGIER(2015),

Se a antropologia pode e tem todo o interesse em se apoiar nesta teoria da relatividade urbana no tempo e no espaço, é porque a dinâmica e a transformação podem ser reconhecidas em um saber livre de amarras políticas, normativas e institucionais, como é o saber antropológico. São, portanto, a descrição e a compreensão do movimento permanente de transformação urbana no tempo e no espaço que podem constituir a contribuição do olhar antropológico sobre a cidade. (AGIER, 2015. pg 484)

Refletir o bairro através das margens nos permite descrever a cidade a partir de seu interior, pensando com base naqueles que ali vivem, refletindo sobre as fronteiras, os diferentes começos da cidade que ocorrem por toda parte. É pensar a cidade a partir dos espaços precários e certo despojamento de bens, pensando nas múltiplas formas de fazer a cidade, os rascunhos da cidade. Deve-se refletir sobre a presença das crianças nos espaços de organização, assim como a circulação delas pelo bairro.

O impacto das transformações urbanas vem sendo estudado pelos autores da Escola de Chicago, e inspirou gerações posteriores que desde então passaram a se preocupar com o viver na cidade e análise das mudanças e transformações da modernidade, tendo a vida citadina como

[...] vertiginosa mesmo, ou monótona e repetitiva, dependendo da adesão ou não dos seus habitantes aos tempos e espaços vividos, ritmados pelos movimentos incessantes das imagens de cidade que habitam seus pensamentos em constante mutação. Descrever a cidade, sob um tal ponto de vista, é conhecê-la como locus de interações sociais e trajetórias singulares de grupos e/ou indivíduos cujas rotinas estão referidas a uma tradição cultural que as transcende. Conhecer uma cidade é, assim, não só apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, ou seja, os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desta experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do Outro na cidade. (Eckert; Rocha, 2003. pg.2)

Assim, a etnografia de rua consistiria em deslocamento em sua própria cidade, propondo o desafio de experienciar a cidade, buscando, a partir dos cidadãos, compreender as significações sobre viver o dia a dia na cidade.

Um dos pontos abordados nesta pesquisa é a questão da temporalidade. Em um mesmo espaço expressam-se diferentes formas de vivenciar o território. As primeiras ruas do bairro compõem a zona comercial da cidade de Jaguarão, atraindo não apenas os moradores locais, mas também os vizinhos uruguaios. Essas ruas têm aspectos similares a áreas mais centrais. Nessa área, em horário comercial, há uma grande circulação de pessoas e diferentes meios de transportes. Seguindo em direção ao interior do bairro, temos outra percepção. Ruas sem pavimentação e com pouca movimentação, ao invés de grandes comércios, têm pequenas “vendas”. Há um maior número de animais circulando pelas ruas, como cães, gatos, galinhas, cabritos e cavalos. Nas calçadas há a presença das pessoas sentadas em frente às suas casas, sozinhas ou em pequenas e grandes rodas de conversa, e acompanham toda a movimentação do bairro. As crianças brincam sozinhas pelas ruas, correm e andam de bicicleta. Nessa área mais periférica do bairro, as relações interpessoais se dão de uma forma mais informal, “todo mundo se conhece”, um sabe onde o outro mora, há uma relação de reciprocidade, um reconhecimento deste espaço, que se transforma no “pedaço” Magnani (2002). Enfim, temos nitidamente a percepção e a diferenciação do centro para a periferia, porém, como ambos os espaços narrados compõem o mesmo território, cria-se a ambiguidade que ao mesmo tempo em que o bairro é periférico, compõe uma área central da cidade. Caldeira (2000) afirma que o projeto modernista das cidades e os enclaves fortificados, devido ao crime e ao medo, causaram um grande impacto na transformação da paisagem urbana. As cidades modernas não têm mais calçadas, gerando uma destruição desses espaços públicos. “Ao destruir a rua como espaço para a vida pública, o planejamento modernista também minou a diversidade urbana e a possibilidade de coexistência de diferenças.” (PIRES, 2000, p. 311) Em contrapartida, no bairro Vencato a lógica da calçada e o hábito de sentar em frente às casas reforçam a sociabilidade dos moradores da comunidade.

2.2 Um olhar de longe e de fora: o estigma local

Por intermédio de Goffman (1975) podemos pensar em como este estigma sobre o bairro foi criado, pois, segundo o autor, no estudo do estigma a informação

mais relevante tem determinadas propriedades. É uma informação sobre indivíduo, sobre suas características mais ou menos permanentes em oposição ao estado de espírito, sentimentos ou intenções que ele poderia ter num certo momento. E são essas informações que ele chama de “social” [...]. (GOFFMAN, 1975, p. 39) Essas informações são carregadas de simbologias e acarretam em diversas interpretações. Conforme Goffman (1975), “símbolo de estigmas, signos que são especialmente efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade que no retrato global diminui a valorização do indivíduo.” (GOFFMAN, 1975, p. 39) O resultado que temos no caso de nosso campo de pesquisa é a desvalorização para com o bairro, que reflete nos moradores que nele habitam. Eles passam a ser considerados como pessoas marginalizadas. Além do estigma que o bairro carrega por ser periférico e por ter sido um antigo território negro na cidade, se soma à existência do Comando Vencato. Quando iniciei a pesquisa, em conversas mais informais com os moradores sempre questioneei sobre a violência no bairro e sobre o próprio Comando Vencato, conhecido popularmente como C.V. O Comando Vencato é uma “gangue” formada por jovens que, provavelmente, desde a década de oitenta vem com diversos picos de atuação no bairro e fora do mesmo. Uma das moradoras com quem tive contato foi Luana, e a mesma afirma que C.V. é a *“gurizada” que fica na praça até tarde da noite fazendo “baderna” e que põe fogo nas lixeiras, mas que agora eles estão mais calmos, pois a Brigada Militar vem realizando palestras no bairro e a viatura tem circulado mais vezes durante a noite, os coibindo de qualquer ato.* (Luana, diário de campo, 23 de abril de 2018) Quando fui conversar com Vanessa, a mesma me narrou que

O Comando Vencato surgiu na década de oitenta, quando houve um campeonato de futebol de interbairros, e um traficante colocou o nome do time de Comando Vencato, mas que foi apenas para aquela ocasião. Tempos depois, diversos jovens, passaram a utilizar o nome e a sigla C.V. O grupo geralmente é formado por um adolescente maior de idade e o restante todos menores, quando um é preso ou se muda, o grupo se desmancha, até que algum tempo depois, outro maior de idade assume o comando. (Vanessa, diário de campo, 10 de setembro de 2018)

Assim como em outros bairros, tanto periféricos quanto centrais, no Vencato existem diversos pontos de vendas de drogas, mas também existem ações voltadas para o combate das mesmas. Durante a pesquisa, diversos moradores, como o líder

comunitário e a diretora da escola, trouxeram em seus relatos a parceria realizada entre a escola, o centro comunitário, a comunidade em geral e a Brigada Militar, em que foram realizadas palestras com os jovens do bairro sobre a conscientização do uso de drogas. Em um de seus relatos, Zé, o líder comunitário, narrou que “inicialmente na madrugada a “gurizada” vivia arrombando o centro comunitário, e assim, o mesmo, em conversa com a comunidade, resolveram abrir as portas do centro comunitário para os jovens. Dessa forma, os mesmos poderiam se reunir e fazer suas jantas e ficar conversando, deixando de utilizar o espaço da praça.

O local onde está localizada a praça representa um importante território de sociabilidade e cuidado, nesse espaço, além da praça, estão localizados também o centro comunitário, a escola de Educação Infantil e o Posto de Saúde. A uma quadra deste local está situada a escola do bairro, sendo também um representativo espaço de cuidado com as crianças e os jovens. Como já havia dito anteriormente, o fato de as crianças andarem sozinhas pelas ruas não significa que haja uma negligência por parte dos pais, uma vez que o bairro não é tão violento quanto o olhar “de fora e de longe” propaga.

Para que pudesse compreender o papel social exercido pelas crianças perante a sociedade, o livro *Antropologia da Criança*, de Cohn (2005), foi fundamental, me dando subsídios para pensar as crianças do Bairro Vencato. Em relação à criança como produtora de cultura, a autora afirma que,

Quando a cultura passa a ser entendida como um sistema simbólico, a ideia de que as crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender “coisas” pode ser revista. A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos (sejam eles objetos, relatos ou crenças), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. Portanto, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa. Isso não quer dizer que a antropologia da criança recente se confunda com análises do desenvolvimento cognitivo; ao contrário, dialoga com elas. A questão, para a antropologia, não é saber em que condição cognitiva a criança elabora sentidos e significados, e sim a partir de que sistema simbólico o faz.[...] Estudos desse tipo nos mostram, portanto, que as crianças não são apenas produzidas pelas culturas mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos. (COHN, 2005, pg.20)

Neste sentido, conforme a autora, as crianças passam a ser vistas como atores sociais, em um sentido de atuar na sociedade e a recriando a todo o momento. Assim, cada criança criará sua própria rede de relações que não será apenas formada, porém terá de ser cultivada e colocada em prática. Segundo Cohn (2005), elas não “ganham” ou “herdam” simplesmente uma posição no sistema de relações sociais e de parentesco, mas atuam na criação dessas relações. (COHN, 2005 p. 18) Com relação ao papel das crianças dentro do bairro, a autora afirma que a pesquisa etnográfica realizada por Maria Filomena Gregori sobre a relação das crianças nas ruas, nas instituições e nas relações com a família e com outros atores do cotidiano revelou que as crianças teriam um papel ativo não só na constituição de laços e nas relações sociais, como também na elaboração de uma imagem, de uma identidade, não apenas para si, mas para os outros. As crianças do bairro Vencato circulam pelos mais diferentes espaços do bairro, mantendo os laços de amizades, dentro de suas redes de relações.

2.3 História das famílias: as formas de habitar a Vencato

A fim de compreender o cotidiano das crianças, buscando não estar restrita apenas aos trajetos das crianças, realizei algumas visitas as casas das mesmas, onde pude conversar com seus familiares. A partir de nossos encontros, tive a oportunidade de conhecer a realidade das famílias e das crianças.

As conversas aconteceram na casa das famílias. As responsáveis pelos alunos, no geral, são mães e avós que têm entre 29 e 53 anos. As famílias são compostas de três a quatro pessoas, todas residem no bairro, em sua grande maioria, são casas próprias. A escolaridade varia entre ensino fundamental incompleto e ensino médio completo. Suas profissões são donas de casas, diaristas, empregadas domésticas (trabalhando no próprio bairro) e aposentadas. Seus companheiros são catadores, vivem de “bicos”, trabalham em comércios e há, pelo menos, dois pais de alunos que estão com problemas com a lei. A religião divide-se

entre católicos e umbandistas. A moradora mais nova reside na comunidade há pelo menos seis anos, porém, seu companheiro nasceu e cresceu no bairro. Outras residem no local há mais de vinte anos e, assim como na maioria dos casos, há aquelas que nasceram e cresceram no local. Todas residem mais no interior do bairro, e em torno de suas casas moram outros familiares. Elas também relataram terem vínculos de amizade com seus vizinhos. Por ser um bairro pequeno, conhecem ou pelo menos sabem quem são todos os moradores. Por mais que não tenham relação, sabem a qual família pertencem e o que fazem da vida. Com relação ao cotidiano no bairro, a maioria afirmou ser um bairro tranquilo, que gostam bastante do local, bom para morar e para criar seus filhos.

O que mais gostam na comunidade é a questão da localidade, pela proximidade com o centro, pois como o bairro fica próximo à área central da cidade, em suas imediações situam-se os mais variados comércios, como os bancos e as secretarias da prefeitura, entre outros. Além disso, o comércio local e as infraestruturas ficam próximas umas das outras. A escola, a praça para as crianças brincarem, o posto de saúde, o centro comunitário e até mesmo os armazéns e vendas locais, confirmam que o local é seguro para residir, reafirmando os laços de vizinhança como sendo uma qualidade do local. “Todos se conhecem, se vai para a frente da casa, sempre chega um ou outro para conversar, para tomar chimarrão, ou combinamos de ir para a praça e ficamos até tarde da noite”. Há duas moradoras que não compactuam com essa ideia. Segundo elas, se dão bem com seus vizinhos, porém não gostam de sentar e conversar, pois para as mesmas tem que ser cada um em sua casa, assim se evita as brigas e as fofocas. Quando não estão trabalhando, permanecem mais no entorno de suas casas, compram nos pequenos comércios espalhados pelo bairro, algumas visitam os familiares em outros bairros, outras, preferem ficar em casa olhando televisão

A falta de pavimentação nas ruas é uma questão que incomoda bastante os moradores, principalmente os que residem na rua Odilo Gonçalves, pois ao término do asfalto os carros não diminuem a velocidade, situação em que os habitantes ficam receosos que possa vir a ocorrer um acidente. Seguidas são as reclamações com relação a praça, por se encontrar abandonada pelo poder público local. Uma moradora postou algumas fotos e um texto em seu Facebook sobre o descaso da prefeitura e marcou alguns moradores do bairro que estão se mobilizando para cobrar melhorias. Com relação aos usos das infraestruturas do bairro, as mesmas

afirmaram que quando necessitam utilizam o posto de saúde, e quando a praça estava em condições de uso, levavam as crianças para brincar, e elas utilizavam os aparelhos de ginástica ao ar livre. Ao conversar sobre o dia a dia, a ida das crianças para a escola, apenas uma mãe leva e traz suas filhas diariamente, o restante afirmou que as crianças fazem este percurso sozinhas ou acompanhadas dos colegas e amigos. No que diz respeito ao centro comunitário, apenas uma mãe afirmou que já participava das atividades do mesmo e que sempre ia e ajudava na organização das festas. O restante começou a participar após seus filhos terem entrado na capoeira. Porém, mesmo que os pais não participem das atividades do centro comunitário, sempre incentivam as crianças a participarem, até mesmo porque geralmente os festejos são voltados para as crianças. Como quase todas as entrevistadas moram no bairro há muitos anos, questionei se elas se recordavam do princípio das atividades do centro comunitário, e a maioria das respostas foi que não se envolviam muito, umas porque nunca as chamou atenção e outras por que não queriam ter um compromisso. Apenas as avós lembraram seus tempos de baile no centro comunitário. Segundo uma delas, ela e suas amigas já tinham o itinerário dos bailes. Elas se deslocavam do bairro e começavam a noite no clube 24 de Agosto, onde o baile iniciava às 20h. Posteriormente, se deslocavam para o clube Suburbano e terminavam a noite no clube do bairro. Ainda conforme a mesma, várias pessoas realizavam este percurso, inclusive outros moradores do bairro. Cabe ressaltar que ambos os clubes citados pela mesma são clubes negros.

Em relação ao cotidiano das crianças, observa-se que em geral ele se resume basicamente entre a casa, a escola e a rua. Percebe-se também que essa relação é marcada por questões de gênero, principalmente no que se refere ao horário e ao local por onde meninos e meninas circulam pelas ruas. De modo geral, as responsáveis pelas meninas afirmaram que elas não circulam à noite pelo bairro, bem como não circulam sozinhas pela praça. Algumas crianças participam de um projeto social no turno inverso da escola, o Projeto CASE, onde é disponibilizado um ônibus que os leva e os traz. Além de reforço escolar, contam com aulas de música, esporte e lazer. Também são ofertados para os alunos mais velhos curso de padeiro e corte e costura, assegurando com que assim já saiam do projeto com uma profissão. Ainda, segundo o relato de uma das mães, as oficinas são ofertadas por idade. Conforme a idade das crianças, novas atividades vão sendo adicionadas na rotina das mesmas. A entrevistada relata que o projeto é muito bom, pois oferece

bastantes atividades para as crianças e é rígido, faz com que as crianças tenham mais disciplina, tanto na escola quanto em suas casas, sendo um período do dia em que sabem que estão todos bem cuidados.

Segundo as mães e avós, a rotina das meninas que participam do projeto no turno da manhã está direcionada a projeto-escola-rua. O cotidiano das meninas que não frequentam o projeto consiste entre casa-escola-rua. Como as meninas são menores, tendo suas idades variadas entre 6 e 12 anos, elas estudam na parte da tarde. Pela manhã, as mesmas mantêm-se mais dentro de casa, pois acordam mais tarde, realizam as tarefas escolares e, posteriormente, costumam olhar desenhos e/ou, brincam dentro de casa. No período da tarde, vão para a escola. Em sua maioria vão sozinhas ou acompanhadas por suas colegas. Ao retornarem da escola, as crianças têm seu “tempo livre”, que em grande parte é dedicado as brincadeiras na rua, em frente às suas casas ou na casa de suas vizinhas e colegas de escola. As relações de amizades das meninas ficam mais restritas, sendo apenas ao redor de suas casas, sejam elas vizinhas, colegas ou amigas. As mesmas afirmaram não deixar as meninas irem ou brincarem na praça sozinhas, por mais que elas possam andar desacompanhadas e o cento comunitário fique dentro do perímetro da praça, as meninas não frequentam a praça. Quando vão, sempre são acompanhadas de um responsável.

Como já exposto, o cotidiano dos meninos difere apenas na circulação em diferentes locais, pois para os que frequentam o projeto, a relação é projeto-casa-rua, e para os que não frequentam é casa-escola-rua, sendo a parte da manhã no interior de suas casas, à tarde na escola, onde todos vão e vem sozinhos, e, posteriormente, em seus tempos livres, é quando os meninos vão para a rua. O itinerário dos mesmos é irem ao encontro de outros amigos, seja na praça, seja em uma locadora, onde reúnem-se para jogar vídeogame. A circulação dos meninos dentro do bairro é maior do que das meninas, assim como as questões de horário. Alguns meninos saem de casa em torno das 18h e retornam às 23h. A questão dos horários e dos locais varia bastante conforme cada um dos meninos, bem como se encontram e quais amigos encontram na rua. Às vezes, saem não encontram nenhum dos amigos na praça, tampouco na locadora, e retornam para casa, onde conforme um relato, “se não acham ninguém na rua, eles vêm incomodar em casa”. No que diz respeito a ajudar seus responsáveis nos afazeres domésticos, o papel das meninas e dos meninos comporta as idas na venda e o cuidado para com os

outros irmãos. Este cuidar do irmão se dá em forma de levá-lo e trazê-lo da escola e zelar por ele em todos os espaços. Há o caso de Henrique, um dos meninos que era criado pela sua avó, porém a mesma entrega a guarda de Henrique para seu pai, morador de outro bairro. Agora, para auxiliar no sustento de casa, nos horários em que não está na escola Henrique sai às ruas com seu pai, que é um catador de produtos recicláveis. Posterior ao ocorrido estive com Henrique umas duas vezes, e em uma delas, quando me desloquei ao centro comunitário, encontrei o menino sentado em uma esquina, quando me contou o que havia acontecido e o porquê de não estar mais morando no bairro. Quando eu e algumas crianças nos deslocávamos do centro comunitário em direção as nossas casas, Henrique surge todo contente, o garoto nos mostra sua nova aquisição, uma bicicleta bastante usada, mas que segundo Henrique, dava para andar, facilitando assim sua ida ao bairro. Com relação a praça, os moradores lamentam a precariedade da mesma, afirmando o descaso do poder público, e alegam que se encontra abandonada. Para as crianças a praça também faz falta, pois hoje em dia, quando vão para o local, brincam na academia porque não há brinquedos em bom estado de conservação. Quando questiono os usos da praça em relação a elas, afirmaram que quando se utilizam do espaço é para tomar chimarrão, levar as crianças para brincar e, logo em seguida que colocaram a academia, várias afirmaram que frequentavam regularmente o espaço, mas agora raramente o utilizam. Com relação aos usos do espaço pelas crianças, e se o frequentam e como o frequentam, as respostas novamente foram divididas entre meninas e meninos. Todas interlocutoras afirmaram não deixar as meninas irem ou brincarem na praça sozinhas, pois por mais que elas possam andar desacompanhadas e o cento comunitário fique dentro do perímetro do local, as meninas não frequentam a praça. Em se tratando dos meninos, as interlocutoras afirmaram que os mesmos frequentam a praça regularmente, onde jogam futebol e ficam conversando com os colegas e amigos. Neste caso, a praça seria o lugar dos meninos, sendo mais específico, do futebol, pois como relatei anteriormente, na praça há uma quadra de futebol, espaço com brinquedos, que estão sem condições de uso, e, mais acima, tem a academia ao ar livre, cuja qual atrai mais adultos do que crianças.

Todas asseguraram que a Vencato é um bairro tranquilo, não havendo muito com o que se preocupar. A aflição das responsáveis gira em torno da movimentação dos carros nas ruas e o perigo de acidentes. Nesses casos, as moradoras residem

na rua Odilo Gonçalves, no trecho sem pavimentação, onde o fluxo de automóveis é mais intenso. Cabe ressaltar que o final da pavimentação representa a fronteira entre a Vencato e o 'pedaço' da Vencato. Em um *feedback*, algumas das argumentações: conforme a responsável Claudia, - *"Tenho cuidado com as próprias crianças, e com a mente que elas têm, vejo pouco perigo em relação a outras pessoas"*. (Claudia, diário de campo, 15 de março de 2019) Juliana afirma que, - *"Quando brincam na rua, eu não cuido. Tem seus perigos, mas viver é um perigo, e tem que se correr os riscos"*. (Juliana, diário de campo, 15 de março de 2019) Quando cheguei à casa de Juliana, ela e sua família estavam sentadas ao redor da mesa, tomando café da tarde. Claudia e Juliana pertencem à mesma família, e neste dia, Cláudia estava na casa de Juliana. Sendo assim, conversei com as duas ao mesmo tempo. Enquanto terminavam o café, eu preenchia a carta de autorização para uso das imagens e de suas narrativas. Logo em seguida, para que pudéssemos ficar mais à vontade, Claudia pediu para as crianças irem brincar no pátio. Além das crianças, Marcos, um dos netos de Juliana, encontrava-se no local. Quando questiono sobre a praça, antes de me responder Claudia olha para Marcos e diz- *"essa é para ti, já que vives metido lá com os guris, sabes dizer melhor"*. O mesmo começa a rir, levanta-se da mesa e responde, - *"eu não sei de nada, tô indo nessa, depois eu venho aqui"*. Prosseguindo com nossa conversa, Juliana afirma que, - *"Quando as crianças brincam na rua, eu não cuido. Tem seus perigos, mas viver é um perigo, e tem que se correr os riscos"*. (Juliana, diário de campo, 15 de março de 2019)

Marilú responde - *“me preocupo se fica até muito tarde na rua, mesmo sendo um bairro calmo, eu tenho meus receios. Os carros passam voando e as pedras saltam para todos os lados”*. (Marilú, 14 de março de 2019) Quando fui à casa de Marilu, depois de vários desencontros, a mesma se encontrava tomando mate sozinha em frente à sua casa. Entramos e sentamos na cozinha, deixando a porta aberta para que pudesse olhar o movimento. Em torno das 17h40min, Mônica chega da escola com uma colega de aula, ambas correndo e contando o que haviam feito na escola. Após realizarem o lanche da tarde, as mesmas pegam uns brinquedos e sentam-se na calçada para brincar, logo em seguida, outras duas meninas se aproximam para brincar com elas. Marilú afirma que - *“esta é a rotina da menina após sair da escola, sendo que, quando não está em casa, está brincando na casa das coleguinhas”*. (Marilú, diário de campo, 14 de março de 2019)

Beatriz relata,

- Eu até me preocupo, mas é com relação às pessoas de outros bairros que vêm para cá. Há um tempo atrás, parou um carro na praça e começaram a atirar, não acertaram ninguém, mas atiraram. Ninguém sabe quem foi, ou por quefoi, só atiraram. Então, quando ficam até muito tarde, quando estão na locadora, os amigos vêm junto, e depois vão para suas casas, ou se estão na praça, eu vou lá e dou uma espiada para ficar mais tranquila. (Beatriz, diário de campo, 14 de março de 2019)

Beatriz trabalha à tarde, sendo assim, nossa conversa se deu no turno da manhã. Desloquei-me várias vezes até sua casa, porém a ela sempre se encontrava fechada, até que em um das vezes a janela da sala estava aberta, um sinal de que teria gente em casa. Nesse momento, seu filho mais velho estava na escola, e Ederson estava na sala jogando no celular. A sala e a cozinha são juntas. Enquanto conversava comigo, Beatriz fazia o almoço, e Ederson complementava a narrativa da mãe com seus relatos de experiências. Entre eles, narrava sua relação com o “tio” da locadora e o fato de sua mãe ligar para ele para saber se realmente estava lá. Os pais de Ederson são separados, e quando questionei sua mãe sobre o fato de andarem sozinhos na rua, o mesmo complementa que está acostumado, pois

quando chega da escola ou da capoeira, sua mãe não está em casa. O mesmo se desloca sozinho para a casa de sua dinda, localizada no bairro, ou de seu pai, que mora em um bairro próximo a Vencato.

Bruna disse- *“Tenho medo do movimento dos carros, que as crianças estejam brincando e que os carros peguem elas. Com relação às pessoas não tem perigo. Todo mundo olha por todas crianças, o brabo é os carros.”* (Bruna, diário de campo, 14 de março de 2019) Estava saindo da casa da Marilú quando Bruna estava chegando com seus filhos para conversar com a vizinha. Sendo assim, aproveitei o momento e conversamos no mesmo local. A preocupação de Bruna é devido ao fato de que ambas são moradoras da Odilo Gonçalves, onde não há pavimentação e há uma grande quantidade de pedras soltas na rua. Nesse caso, Bruna e Marilú moram na rua que faz a fronteira do bairro.

A responsável Antônio narra que,

- Minha preocupação é que eles não têm noção do horário. Às vezes, só voltam quando estão com fome. As pernas levam, mas a barriga traz (risos). Mas, não tem perigo, as crianças são criadas à vontade nas ruas, sem problemas, são todas hiperativas. Andam soltas, mas sabem a noção do que é errado. Até andava com os guris que fumavam, mas como já tem problema na família, se afastou, agora tem uns amiguinhos da idade dele que são muito bonzinhos. Passam lá na locadora ou na praça, mas não se juntam com os outros. (Antônia, diário de campo, 18 de março de 2019)

Quando encontrei Antônio na reunião da capoeira, com os pais e responsáveis dos alunos, a mesma me afirmou que o melhor horário para encontrá-la em casa seria no período da manhã, pois mesmo sendo aposentada, durante a tarde sempre gostava de sair para passear ou conversar na casa das vizinhas. Conforme o horário combinado, Antônio já me esperava com a casa aberta. Sentamos na sala com a porta da frente aberta. Ao longo de nossa conversa, a mesma relatou diversos problemas familiares e as circunstâncias que levaram aos mesmos. Ela também lembrou da adolescência de seus filhos com os amigos e o quanto os mesmos também circulavam pelos diversos espaços do bairro e da

cidade. Antônia cria Rodrigo, um de seus netos, que no momento se encontrava no projeto CASE.

Ainda sobre a praça, Brenda afirma,

A gente tem que tá sempre cuidando, mas não tem perigo, o perigo é da gurizada que passa aprontando, e como já tem problema, a culpa nunca é deles, é sempre do nosso, os filhos deles são sempre bonzinhos, o meu que é sempre errado, então eu cuido para não me incomoda. (Brenda, diário de campo, 16 de março de 2019)

Meu encontro com Brenda se deu à tardinha, em frente à sua casa, onde, sentadas em um banco de madeira, conversamos junto de seus dois filhos. Erick frequenta o projeto CASE pela manhã, a tarde vai para a escola e à tardinha, quando não está jogando videogame em casa, brinca na praça ou na rua com os amigos. Brenda afirma que sempre está cuidando o que os meninos estão fazendo, não por medo de que aconteça algo, mas por receio, visto que, conforme a mesma, os meninos passam sempre aprontando para com os vizinhos, porém, na hora de saber quem aprontou, seus filhos sempre são apontados como culpados.

Em quase todos os relatos, em algum momento, o bairro foi tido como um território onde todos os moradores se conhecem, e que mesmo as crianças estando na rua, as pessoas sempre as viam. Certa vez, em uma das conversas, uma das alunas me afirmou *“não ter medo de andar sozinha na rua, pois no bairro eram um bando de fofoqueiros, e era dar um grito que todos saíam para ver o que havia acontecido.”* (Melina, diário de campo, 22 de março de 2018)

Ao longo das conversas, questionei para as interlocutoras se quando as crianças estavam na rua havia alguma forma delas realmente saberem onde seus filhos andam e com quem andam, se havia alguma preocupação ou precaução em relação a isso. Beatriz afirma que

Durante o dia eu não dou bola, mas se é de noite, e muito tarde, eu ligo para uma amiga que mora na esquina da praça, e peço para ela espiar pela janela se ele tá lá, e com quem tá, e também ligo para a Marilú, de lá, ela também enxerga a praça, quando uma não tá, a outra tá. E eu ligo para

locadora também, se tá tarde e, eu sei que já acabou o dinheiro que eu dei, já deu o tempo dele, eu ligo e pergunto pro dono, se ele tá lá e com quem tá. (Beatriz, diário de campo. 14 de março)

Com relação às meninas, as responsáveis afirmaram “espiá-las” de dentro de casa, através da porta ou da janela. *“Elas nem notam, mas a gente tá sempre olhando e escutando sobre o que estão conversando. Essas crianças são um perigo, falam e fazem coisas que não devem. Então eu estou sempre espiando mesmo.”* (Claudia, diário de campo, 15 de março de 2019)

Bruna narra que,

Se tem o costume de espia elas, se eu não estou, tem minha mãe aqui do lado, ali na frente, a mãe da colega tá sempre olhando pra cá, e às vezes grita: - Bruna, olha o que estão fazendo! Quando andam mais lá em cima, é a mesma coisa, depois eu pergunto para as minhas conhecidas se viram ela e o que ela estava fazendo. (Bruna, diário de campo, 14 de março de 2019)

Mais uma vez, nota-se a diferença que há entre os cuidados com as meninos e com as meninas, assim como, percebe-se a rede de relação e proteção dos familiares e vizinhos para com o cuidado das crianças quando as mesmas se encontram brincando na rua. Em uma de nossas conversas Piá, o seguinte, *“na Vencato é assim, todo mundo se conhece, e até quem tu não conhece, te conhece, sabe o que tu faz e o que tu deixa de fazer, mesmo que você não saiba quem ela é, a pessoa sabe quem é você.”* (Piá, diário de campo, 20 de março de 2019)

Há alguns pontos que devem ser analisados, como, por exemplo, a rede de vizinhança, que “espia” as crianças quando os responsáveis não estão por perto, porém, não somente as crianças, mas também os adultos, como narra Antônio - *“os vizinhos cuidam, eles tão sempre na volta cuidando, sabem quem é, de qual família pertence, onde mora. A vantagem de morar em cidade pequena é essa, tu sai, vai nos lugares e todos sabem onde tu foi, com quem tu foi.”* (Antônio, diário de campo, 18 de março de 2019) Ou como Melina afirma, que não tem medo de andar sozinha na rua, pois no bairro eram um bando de fofoqueiros, e era só dar um grito que todos saíam para ver o que havia acontecido. Sobre a fofoca, Fonseca (2004)

afirma que a mesma envolve relatos de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento do outro. “Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos. Ninguém se considera fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança.” (FONSECA, 2004. P. 23) Conforme a mesma, a fofoca também é utilizada para informar sobre a reputação dos moradores de um local, afirmando ou denegrindo sua imagem pública. A fofoca é uma forma de controle dos moradores da Vencato, pelos moradores da Vencato.

Ainda com relação às vivências no bairro, foi abordada a forma como as pessoas enxergam a Vencato. Novamente, de forma geral, conforme as narrativas das interlocutoras, o bairro Vencato não é um bairro violento. Antônia relata que

O bairro já foi violento. No tempo do C.V. era violento, agora não tem mais. A morte daquele menino assustou eles. Mas sabes que com os vizinhos eles tinham respeito. Os grandes já foram, outros estão aí casados e se endireitaram. Ainda tem uns pequenos, mas são mais calmos. Agora é só briga. É briga e droga. Mas eu não acho que seja violento. Os vizinhos cuidam, eles tão sempre na volta cuidando, sabem quem é, de qual família pertence, onde mora. A vantagem de morar em cidade pequena é essa, tu sai, vai nos lugares e todos sabem onde tu foi, com quem tu foi. (Antônia, diário de campo, 18 de março 2019)

Bruna narra que,

O bairro agora é bem tranquilo. Antigamente era violento. Não violento, mas tinha muitos roubos, e a gente se preocupava com isso. Teve uma época que até aqui tentaram arrombar. Ainda bem que os vizinhos viram e gritaram. O que eu acho perigoso são os brinquedos na praça. Estão velhos, enferrujados e quebrados. Das pessoas não vejo perigo, até porque é cada um no seu canto. Eles nos respeitam, mas nunca metemos a mão com eles, e nem eles com nós. (Bruna, diário de campo, 14 de março de 2019)

Quando Bruna relata que “é cada um no seu canto, eles nos respeitam, mas nunca metemos a mão com eles, e nem eles com nós”, a mesma está se referindo aos donos das bocas de fumo, evidenciando a reciprocidade que há entre os moradores e os mesmos. Fecham-se os olhos para o que acontece e, em troca, os protegem. Com relação à violência no bairro, Beatriz relata que,

Não tem nada de violento. Não sei se porque eu tenho sorte, mas fico na rua até tarde. Perigosos são os que vêm de outros bairros para assaltar aqui, porque todo lugar tem “marginal”, mas os daqui não nos roubam. O problema é quando vêm de outros bairros. Esses dias até deu uns roubos aí, e diz que é um pessoal lá do Cerro. Depois que um dos daqui faleceu é que eles começaram a roubar aqui. A gente dá uns trocado para os marginais e eles cuidam a nossa casa. Ainda mexem comigo, que aqui ninguém rouba, que sabem que é a zona dele. Eu procuro me dar bem com todos eles, até mesmo para evitar as confusões. Há um tempo atrás a gurizada mais velha da praça oferecia droga para as crianças, e se elas não aceitassem eles queimavam elas com cigarro. Era um terror! Aí eu não deixava os guris irem para a praça, mas foi só uma fase, depois passou. Até onde sei, nem se drogam mais na praça. Muitos dos “tenebrosos” se mudaram do bairro, e outros estão namorando. E assim vai, por isso que acalmou. (Beatriz, diário de campo, 14 de março 2019)

Marilú diz que,

Não vejo como violento. Antes era mais, mas era as bocas de fumo. Agora tá tranquilo. Eu me preocupo, né! Mas não por ser Vencato, pois todos os bairros estão preocupantes. Não é que antes fosse violento, mas eu tinha muito medo de pessoas de outros bairros virem brigar e roubar os daqui. Ali na praça até se junta a gurizada, mas são tranquilos. Eles têm os grupinhos deles e ficam separados das crianças. Nunca me incomodei, desde que eles respeitem as crianças, tá tranquilo. (Marilú, diário de campo, 14 de março 2019)

Claudia narra,

Não acho aqui violento. Acho violento o Bela Vista, a Kennedy, ali o Cerro das Irmandades. Eu nunca fui assaltada. Eu não sei se é porque eu more aqui. Na praça só tem os marginal. Há uns três anos atrás eles estavam terríveis. Era violento. Eles ficavam sentados fumando maconha ali. Não assaltavam, pois era a gurizada que fazia só uns “roubinhos”, mas também durou pouco porque os caras mais velhos tiraram o costume deles. Esse C.V. não é nada, coisa de guri de final de baile. No meu tempo não tinha nada, agora que duas e três inventam essa. (Claudia, diário de campo, 15 de março de 2019)

Juliana diz que

Tem o perigo das ruas, né!? Drogas, nem tanto. São mais os carros que passam voando. Já mataram um monte de galinhas atropeladas aqui e mais lá em cima, na outra quadra também. E se matam as galinhas, podem

matar as crianças que estão na rua também. Não tem como controlar, eles vão e deu. Eu não tenho nada contra o bairro. Não acho que ele seja violento. Os que dizem que é, é por falta de entendimento e não conhecem o lugar. Perigo, aqui não tem. Tem uns jovem usuários de drogas que, às vezes, roubam para o seu sustento, mas também vão lá em outros bairros. Aqui sempre me respeitaram. Há uns dez anos atrás, na madrugada, eles faziam pedágios nas ruas do bairro, mas era para se sustentar, não era de mal mesmo. Antes até poderia ter algum risco, né? Mas hoje em dia tá muito calmo. A gurizada mudou, agora são outros que andam aí na volta. (Juliana, diário de campo, 15 de março de 2019)

Nota-se que essa violência de grupos ou gangues não é algo isolado, não acontece apenas no bairro Vencato. Em “Sociedade de Esquina” FooteWhyte (2005) traz à tona o cotidiano de Cornerville, em que aborda as redes de relações dos gângsteres de esquina e do clube dos rapazes, suas organizações e lideranças, dentro do bairro. Em outro contexto social, Velho (1989) descreve um grupo de adolescentes de Copacabana, o qual chama de “turma da portaria”. Conforme o autor, são entre seis e setes adolescentes que no turno inverso da escola concentram-se na portaria do edifício Estrela e acompanham toda a movimentação do prédio, ou reúnem-se perto da esquina, onde, conforme o autor, “fazem vida de rua” observando e interagindo com outros grupos da rua.

Não podemos falar apenas da violência, mas também da relação ambígua entre a violência e a proteção. Nesse caso, Magnani (2002) chamaria de xará, esse ser conhecido, ajudar financeiramente com alguns trocados te garante proteção, garante que outras pessoas do bairro e de fora do bairro não te roubem. Sobre essa relação de favores e cuidados, a partir de uma pesquisa em uma vila de Porto Alegre, Fonseca (2004) aponta para essa mesma ação de troca. A partir de seus interlocutores a autora afirma que em forma de retribuição à ajuda dos vizinhos os jovens oferecem proteção. “Esse tipo de relação contribui para validar a imagem dos maconheiros. É precisamente a ameaça constante de violência encarnada pelos jovens que valoriza o “dom” de sua proteção, de seu respeito.” (FONSECA, 2004. Pg. 22) Através dos relatos pode-se perceber que a violência no bairro Vencato não é dada de forma constante porque ela tem suas dinâmicas. Antigamente, era violento, aconteciam roubos e assaltos, mas, posteriormente, acalmou. Com o passar do tempo a “gurizada” tomou conta da praça, onde durante a madrugada queimavam lixeiras e perturbavam os vizinhos ao redor da praça. Porém, hoje em dia os moradores afirmam que o bairro está calmo, que os jovens que antes o

faziam agora estão mais tranquilos ou mudaram para outra localidade. Sendo assim, para os moradores, o perigo está relacionado com pessoas vindas de outros bairros, e não moradores da comunidade.

A circulação das crianças pelos diversos espaços do bairro evidencia que, enquanto atores sociais, conforme Cohn (2005), os mesmos já “estão na vida”. Nesse caso, a rua e suas diversas formas de aprendizagem, seja a praça e a convivência com os jovens, seja a quadra de futebol, ou até mesmo durante os percursos e trajetos entre a casa, a escola, a capoeira e a locadora, que se apresentam como um lugar de possibilidades e de escolhas.

Através das narrativas das responsáveis fica evidente a forma como as mesmas percebem o local onde moram, da mesma forma que podemos analisar os laços e as relações de vizinhança. Quando elas afirmam que por mais aconteçam roubos e assaltos, elas nunca foram assaltadas, pois moram no local, conhecem todo mundo e todo mundo as reconhece por esse fator. Elas fazem parte do que Magnani (2002) chama de “pedaço”. Além disso, as táticas de procurarem dar-se bem com todos, assim como a contribuição semanal com dinheiro, garantem a segurança de suas casas e de suas famílias. Ao que tudo indica, através de suas redes de relações e contato, tanto dentro quanto fora do bairro, os jovens garantem a paz no local. Sempre que há um roubo ou algo do tipo, de uma forma ou de outra eles acabam descobrindo quem foi. Durante os relatos, ficou evidente que há sempre um ‘cuidador’ que se destaca no bairro, seja pelo seu carisma, seja por sua confiabilidade. Conforme o relato de uma moradora, alguns anos atrás a morte de um deles em meio à fuga da polícia acarretou em um surto de roubos. Segundo a mesma, os ladrões foram identificados como moradores do bairro Cerro da Pólvora. Ao longo dos relatos não fica claro como se dá essa escolha, porém o fator do carisma sempre foi evidente, principalmente quando relatam – *“são uns coitados, não prejudicam a ninguém, a não ser a eles mesmos. Eles vêm aqui, batem na porta, pedem dinheiro, pedem comida, e eu dou, pelo menos sei que a casa tá bem cuidada”*. (Beatriz, diário de campo, 17 de março de 2019) O último caso que se tem notícia causou espanto em uma grande parcela dos moradores. Foi o fato de um dos ‘cuidadores’ ter sido preso após ter recebido uma insignificante quantia de dinheiro para matar uma pessoa de outro bairro.

Fonseca (2004) aborda a relação dos vizinhos para com os 'guris' do bairro e, também, o quanto para os residentes do bairro os mesmos são vistos como "legais", dessa forma não fazendo mal a seus vizinhos. Diversos trechos de seus relatos nos remetem às relações de vizinhança do Bairro Vencato,

Uma jovem mãe me explica que não se preocupa quando sai para trabalhar, pois os guris estão vigiando a rua e não deixam nada ruim acontecer com as crianças. (As mães se queixam bem mais do perigo dos carros do que dos malfeitores.) Outra mulher que mora no coração do beco alega que nunca tranca sua porta. "Com os guris por aqui, ninguém vai ter peito de levar minhas coisas." Segundo as informações insinuadas em fofocas do bairro, não é incomum um maconheiro assaltar a casa de um vizinho, mas certamente não vai vangloriar-se do fato. Pelo contrário, os guris cultivam sua reputação de guardiões da vila, promovendo a lenda de que só roubam dos ricos e só brigam com os malvados. Tal cuidado com a reputação serve para inibir suas atividades criminosas no bairro. (FONSECA, 2004, pg. 95)

Continuando neste outro trecho,

Não se tem medo dos vizinhos, nem mesmo dos maconheiros, pois, no interior dos limites desse mundo familiar — um mundo onde cada um sabe se situar em relação aos outros — existe um código tácito de interação social. Esse código, ao mesmo tempo que tolera o roubo, condena o abuso da força física e assim garante um mínimo de segurança no bairro. O perigo surge quando alguém se afasta do grupo de familiares, ou quando entra no fogo cruzado das rivalidades masculinas. (FONSECA, 2004, pg.97)

Diversos trechos de seus relatos nos remetem a refletir sobre as relações de vizinhança no Bairro Vencato. Nesses dois casos provavelmente existe uma honra e uma moral da violência, desde que as crianças estejam seguras o restante é ignorado. Tanto na Vencato quanto na Vila do Cachorro Sentado, os moradores afirmam que o perigo vem sempre de fora do bairro. Por diversas vezes me desloquei até a praça à noite, e sempre haviam jovens sentados ou parados, de bicicleta, skate, jogando futebol ou apenas conversando, sendo esse o cotidiano da praça. Entre os ditos e não ditos fica claro que por mais que as mesmas afirmem que o bairro não é violento, há sim toda uma preocupação e cuidado, evidenciando que há violência na Vencato.

3: Os caminhos da Vencato: percursos infantis e redes que se cruzam

Quando iniciei o campo era final de inverno, início de primavera. O sol já se escondia mais à tardinha. Marcava o final dos dias frios e o início dos dias mais quentes. Isso fazia com que as pessoas ficassem na rua até mais tarde. Após percorrer as ruas do bairro, por inúmeras vezes percebi que o cotidiano do mesmo dá-se da seguinte forma. No interior do bairro, durante o período da manhã, havia pouca circulação de pessoas, e se dava mais em torno das “vendas”, provavelmente o horário em que as pessoas saem para realizar suas compras para fazer o almoço. Em torno do meio dia, até perto das quatorze horas, havia uma grande circulação de pessoas nas ruas. Pessoas indo e vindo do trabalho, assim como a movimentação dos jovens saindo da escola, se deslocando do interior do bairro para as suas casas e, em seguida, as crianças realizando o movimento inverso, se deslocando de suas casas para a escola. Ao saírem da escola em pequenos grupos, em meio a brincadeiras, conversas, risos e “correrias”, as crianças retornam para suas casas. Mais à tardinha, aumentou o número de pessoas sentadas em frente as suas casas, sozinhas ou acompanhadas por pequenas ou grandes rodas de chimarrão. É nesse horário que a circulação de jovens e crianças concentra-se em torno da praça, onde se dividem entre os brinquedos, a quadra de futebol e os aparelhos de ginástica.

Na tentativa de me inserir na comunidade, além de caminhar regularmente pelo bairro e conversar com os moradores, comecei a participar das atividades do centro comunitário. Passei a frequentar semanalmente as aulas de capoeira, e sempre procurava ir mais cedo para ter um maior contato com as crianças e ver como os mesmos chegavam até o centro comunitário, com quem e por quais caminhos vinham. Tive a oportunidade de ajudar na organização da festa do natal das crianças. Também participei da domingueira para arrecadar fundos para a festa de páscoa e, posteriormente, me envolvi com esta, e colaborei nas sessões de cinema. Foi durante minhas caminhadas e as participações nas atividades do centro comunitário que comecei a notar a grande presença das crianças sozinhas na rua e durante as festividades, pois mesmo sendo voltadas para as crianças, acreditei que os pais se fariam presentes. Cabe ressaltar que essa percepção não se deu

somente a partir das observações, mas sim em meio às angústias da pesquisadora que, com a orientadora, tentavam compreender a dinâmica do bairro. Por fim, essas angústias transformaram-se em um novo viés para esta pesquisa, pois através do olhar das crianças pode-se compreender os trajetos percorridos por elas, seja no caminho para a escola, seja no caminho para a capoeira. Dependendo do horário que me deslocava da minha casa até a capoeira sempre encontrava alguns alunos pelo caminho. Durante uma das conversas com o Breno, questionei o que ele achava sobre o bairro, e respondeu – *“Eu gosto de morar aqui. Eu tenho meus amigos, a gente joga bola na praça, faz capoeira, vai pro colégio, é tudo pertinho”*. (Breno, diário de campo, 2 de setembro de 2018) Com relação a ser tudo perto, que Breno se refere, é o fato de que os caminhos que os jovens percorrem estão concentrados no interior do bairro, onde estão localizados a escola, a praça, o centro comunitário, a creche e o posto de saúde. O movimento realizado pelas crianças se dá do exterior para o interior do bairro, onde os caminhos se cruzam pela praça. Neste sentido, mais uma vez, se evidencia a praça como a centralidade do bairro.

Antes de mencionar os trajetos infantis, é preciso que se teça uma discussão teórica sobre o que são os caminhos, trajetos e percursos. Ingold (2005) explica a relação entre as habilidades de orientação espacial e de descobridor-caminho utilizadas no cotidiano. Para o autor, um forasteiro utiliza-se de um mapa que o orienta e direciona, o estar aqui, o ir para ali. Já o nativo que cresceu no lugar e sabe seus costumes o conhece, não precisando se utilizar de mapas para chegar até o lugar desejado. Segundo a perspectiva, nativo e forasteiro, ambos para saber onde estão precisam identificar uma posição no mapa. A diferenciação entre eles se dá, pelo fato do nativo ter o mapa em sua cabeça e o forasteiro em suas mãos. Segundo Ingold (2005), este mapa não existe, e sua existência é consequência da atribuição errônea aos nativos de um sentido do que significa conhecer os arredores, que os trata como estranho em seu país. Os lugares não teriam posições, mas sim histórias. Unidos pelos itinerários de seus habitantes, os lugares não existiriam no espaço, porém, no movimento. O autor utiliza a noção de descobrir-caminhos, e discorre que:

É o conhecimento da região, e com isso a habilidade de uma pessoa situar-se na sua posição atual dentro do contexto histórico de jornadas efetuadas anteriormente – jornadas para lugares, de lugares e em volta de lugares – que distingue o nativo do forasteiro. Assim, descobrir caminho comum assemelha-se mais a contar histórias do que utilizar um mapa. Utilizar um mapa é navegar por meio dele: ou seja, traçar uma rota de uma posição para outra no caminho. Em contraste, descobrir-caminho consiste em mover-se de um lugar para outro em uma região. (Ingold, 2005, pg. 1)

Ainda, conforme o autor, o conhecer é semelhante ao mapear, pois as inscrições gráficas, que dão base ao mapear, e as histórias, ao conhecer, são diferentes de um mapa. O conhecer se daria em meio às trilhas de observação. Dessa forma, seria impossível conhecer nos lugares, o conhecimento seria regional, e deve ser cultivado movendo-se pelas trilhas que conduzem em torno de, na direção de ou saindo de lugares para outros lugares, ou seja, conhecemos enquanto caminhamos de lugar para lugar.

De Certeau (1998) traz a discussão sobre o caminhar e a maneira de ser, de fazer a cidade a partir das caminhadas, em que os jogos dos passos moldam espaços e tecem os lugares. Assim, os processos do caminhar transformam-se em mapas urbanos de maneira a transpassar os traços e as trajetórias. O passar por aqui e não passar por ali. Para o autor, o processo de caminhar também desloca e inventa outras possibilidades,

[...] as idas e vindas, as variações e improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais. Assim como Charlie Chaplin multiplica as possibilidades de sua brincadeira: faz outras coisas com a mesma coisa e ultrapassa os limites que as determinações do objeto fixavam para seu uso. O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios. (DE CERTEAU, 1998, pg. 178)

Seguindo essa lógica, as caminhadas dos pedestres apresentariam diferentes percursos possíveis de serem realizados. Tanto no trajeto para a escola quanto no trajeto para a capoeira, os alunos realizam diferentes percursos, mesmo que por

muitas vezes a principal via de acesso seja a rua Odilo Gonçalves. Quando se encontra um amigo, esse trajeto fica propenso a mudanças.

De Certeau (1998) caracteriza os espaços como lugares praticados. Os caminhantes transformam a rua em espaços a partir de suas experiências espaciais, assim, o relato transforma “lugares em espaços ou espaços em lugares” (DE CERTEAU, 1998, p. 203). Segundo o autor, o mapa seria um modelo a ser seguido, ou seja, uma localização espacial. Já o percurso seria uma descrição das operações ou, conforme cita o autor:

[...] o circuito ou o percurso é um *speech act* (um ato de enunciação) que “fornece uma série mínima de caminhos pelos quais se pode entrar em cada cômodo”; e que o “caminho” (path) é uma série de unidades que têm a forma de vetores seja “estáticos” (“à direita”, “à sua frente” etc.) seja “móveis” (“se você dobrar à esquerda” etc). (DE CERTEAU, 1998, p. 204)

Para que se possa compreender os trajetos percorrido pelas crianças é importante que se entenda a localização geográfica do bairro. Na imagem abaixo também temos uma vista aérea do bairro, porém agora as setas em preto evidenciam a escola e a quadra onde estão localizados o centro comunitário, a praça, a creche e o posto de saúde.

convém se deslocar por outras ruas, pois teria que andar mais algumas quadras. Quando questionei se a mesma iria sozinha ou acompanhada para a escola, afirmou que, por vezes, se desloca sozinha, porém no caminho sempre encontra os colegas. Na volta, sempre vem acompanhada de seus colegas, que aos poucos vão ficando nas esquinas que dão acesso às outras ruas do bairro, para se deslocarem em direção as suas casas. No caminho para a escola frequentemente nota-se os alunos com mochila nas costas, parados nas esquinas à espera de seus amigos, para irem juntos à escola. As crianças menores estudam no período da tarde, porém, mesmo assim, em sua grande maioria deslocam-se sozinhas em direção à escola ou, geralmente, um irmão mais velho acompanha o irmão menor, e no meio do caminho outros colegas juntam-se aos dois, que é o que geralmente ocorre com a Melissa.



Figura 14: Alunos na saída da escola

Fonte: Arquivo pessoal

A foto acima retrata a saída da escola. Os alunos deslocam-se da escola para suas casas em pequenos grupos e, durante o caminho, correm, brincam e conversam. As crianças dependem uns dos outros, conforme se aproximam de suas casas ou da rua que dá acesso as mesmas.



Figura 15: Alunos em frente à escola na hora da entrada

Fonte: Arquivo pessoal

Ao chegarem à escola, os alunos distribuem-se em pequenos grupos e permanecem conversando até a hora em que o sinal bate para entrarem em suas salas de aula. Nesses momentos na rua, os estudantes além das brincadeiras, e de mexer no celular, conversam sobre os mais diversos assuntos, principalmente, sobre a rotina do dia anterior ou do turno inverso. Muitos alunos além de serem colegas de escola também frequentam o projeto CASE e a capoeira. Como, por exemplo, Rodrigo e Érick, que pela manhã frequentam o projeto, no período da tarde vão para a escola e nas terças-feiras à noite se deslocam para a aula de capoeira. O trajeto dos alunos da capoeira até o centro comunitário também se dá pela rua Odilo Gonçalves, mas o fluxo de deslocamentos ocorre próximo às 19h. Porém, esse fator não impede os alunos de irem e virem sozinhos. À tardinha, encontro na praça jovens e crianças, entre eles Lucas, que mora perto de minha casa e se desloca para o interior do bairro para encontrar os amigos e jogar futebol na praça. Quando questiono onde eles moram, dois me respondem que moram no Cerro das Irmandades, três moram no bairro e Lucas afirma morar no centro. Em meio a conversa explico para ele os limites do bairro, que são: do lado oeste da rua 24 de maio até a orla do rio, tendo como limite a Chácara do Galo e o sul da rua Uruguai). Sendo assim, o local onde moramos faz parte do Bairro Vencato. Quando questiono

se o mesmo percebe alguma diferença na movimentação e circulação de pessoas dentro do bairro, Lucas me diz – *“Lá é bem mais movimentado, mas eu não conheço quase as pessoas. Aqui eu conheço todo mundo”*. (Lucas, diário de campo, 11 de setembro de 2018)

Com relação aos trajetos percorridos pelas crianças, houve um caso específico. Em uma terça-feira à noite, em torno de 21h, encontrei um dos meninos, que tem dez anos de idade, caminhando pelo bairro. Questionei onde ele iria neste horário. O menino me afirmou que ainda era cedo e que estava indo ao encontro de outros meninos no bairro, porém, em torno das 23h, iria se deslocar para a praça do centro da cidade, onde encontraria outros amigos.



Figura 16: Alunos do capoeira jogando bola em frente ao centro comunitário

Fonte: Arquivo pessoal

Alguns alunos chegam mais cedo no Centro Comunitário para que possam brincar com seus amigos. Seguindo seus trajetos, caminhando pelos bairros, as crianças conhecem, reconhecem o território do bairro e se reconhecem enquanto moradoras locais.

Durante as caminhadas, percebi o quanto os moradores têm o costume de sentar em frente às suas casas, para conversar e tomar chimarrão. Além do mais,

devido à sombra das árvores, muitos moradores utilizam-se dos canteiros existentes em meio às ruas para sentarem, conversarem e cuidarem das crianças. As rodas de conversa, em sua maioria, são com amigos, vizinhos e familiares, moradores do bairro ou de outros, que têm o costume diário de sentarem em frente às suas casas e cuidarem a circulação de pessoas pelo bairro.



Figura 17: Moradores sentados no canteiro

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 18: Moradores sentados na praça

Fonte: Arquivo pessoal

A praça do bairro também é um excelente espaço para as rodas de conversas, onde as mães têm a possibilidade de levarem seus filhos e seus animais de estimação. Assim, mais uma vez, a praça torna-se um importante espaço de sociabilidade e cuidado dentro do bairro. O número de rodas de conversa, de cadeiras de praia e cobertores no chão varia de acordo com o tempo e o horário. É muito raro quando não há alguém sentado na praça. Dona Maria relata que seu ponto de encontro com suas filhas e netas é na praça. Cada uma tem a sua própria casa, porém sempre que podem, após realizarem os afazeres domésticos, se encontram no local para tomar chimarrão e conversar.

Outro meio de inserção na comunidade foi através do Centro Comunitário do bairro. Entrei em contato com o líder comunitário, mais conhecido por Zé da Vencato. O mesmo me relatou os projetos sociais e as atividades que estavam acontecendo no centro comunitário, e assim passei a frequentá-lo e a acompanhar as atividades.

3.1 O Centro Comunitário do Bairro Vencato

O centro comunitário do bairro foi fundado em 1986, através de um convênio com a prefeitura, em que a prefeitura entraria com os materiais de construção e os moradores com a mão de obra. A história do centro comunitário, assim como a do bairro, é marcada pela mobilização dos moradores em prol de melhorias para o bairro. A construção do mesmo se deu através de diversos mutirões realizados pelos moradores que, antes mesmo de ser criado, já se reuniam no prédio da creche, para discussões de interesse coletivo. O prédio demorou muitos anos para ser construído, e acarretou muitas tensões entre os moradores e a prefeitura, já que a mesma não liberava a verba suficiente para a construção. Porém, foi em meio a essa construção que os laços de vizinhança foram fortalecidos. O centro comunitário se constituiu em um espaço na comunidade para a comunidade, funcionando como clube social. Para se manter, realizava discotecas infantis, bailes, chás, bingos, concursos, quermesses, festivais populares, festas de aniversários, casamentos, festas em datas comemorativas e a realização de almoços e jantares dançantes. Contava com um significativo número de sócios contribuintes. Além dessas festas, para angariar fundos também eram realizadas festas gratuitas voltadas para a comunidade, bem como eventos beneficentes para moradores e outras instituições do bairro, como a igreja, a creche e a escola. O centro comunitário funcionou até o ano de 2006, quando o prédio do antigo posto de saúde estava em péssimas condições. Então, através de um acordo com a prefeitura, o mesmo emprestou suas instalações para o posto de saúde, até que fosse construído um novo prédio.

Quando a prefeitura devolveu o prédio para os moradores, o mesmo se encontrava deteriorado. Nos dias atuais, o líder comunitário, em parceria com os moradores, está tentando reerguer o centro comunitário, tanto na forma material quanto nas atividades por eles desenvolvidas. Sobre o centro comunitário, Zé relata que

Estamos tentando reativar o centro comunitário. O problema é que quando a prefeitura entregou, entregou com tudo estragado. Aos poucos vamos conseguir reabrir para a comunidade. Tem que colocar o forro, fazer outra churrasqueira, arrumar a peça lá dos fundos. Depois que colocar o forro na inauguração, quero fazer um casamento comunitário. Como não tem sócio pagante, fica difícil. O centro comunitário tá sobrevivendo de

doações. Eu vou, eu corro atrás das coisas, converso com as pessoas para ver com o que elas podem me ajudar, assim eu consigo tanto para fazer as festinhas para as crianças quanto para pagar as contas. Se aluga para a comunidade fazer festinhas aqui dentro e se cobra R\$30,00, só para ajudar a pagar as contas mesmo. Tem também o aluguel do pessoal do Box, que eles pagam a luz e também, em troca, eles dão aula de Box grátis para as mulheres da comunidade. Eu já tenho planos futuros. Quero retomar o piquete no bairro e fazer mais projeto social para as crianças e para a comunidade. (Zé, diário de campo, 13 de março de 2018)

Hoje em dia, o líder comunitário atua no bairro com trabalhos sociais voltados às crianças, como a realização mensal de sessão de cinema, almoços com domingueiras para a arrecadação de dinheiro para as festas, festas em datas comemorativas, a Páscoa, o Natal, o 20 de Setembro, o Dia das Crianças, entre outros. Além dessas, em parceria com a instrutora Joice, são ofertadas aulas de capoeira gratuita para crianças e jovens e aulas de Box também gratuitas para as mulheres, porém, como elas deixaram de comparecer às aulas, agora estão sendo gratuitas para os homens. No mês de abril, a sede foi emprestada para uma das casas de umbanda do bairro, para que se realizasse a festa de São Jorge. Na sede do centro comunitário também acontecem as aulas de dança, que são promovidas pela prefeitura e ofertadas gratuitamente para a comunidade. Mais recentemente se realizou um convênio entre a Universidade Federal do Pampa, a escola e o centro comunitário, sendo que, através do Programa de Iniciação à Docência do curso de História-Licenciatura, estão sendo ofertadas para os alunos da escola algumas oficinas, como música, dança e teatro, que estão ocorrendo no centro comunitário. Esse mesmo projeto pretende realizar uma pesquisa e, com os moradores, construir na sede do centro comunitário um museu comunitário, com artefatos que remetam à história, à memória e à identidade do Bairro Vencato.



Figura 19: Cinema no Centro Comunitário

Fonte: Arquivo Pessoal

No último domingo de cada mês acontece o cinema. Através de uma parceria com a escola, a mesma empresta o projetor para que seja transmitido o filme. Com as doações e o dinheiro do caixa são comprados refrigerantes e os ingredientes para que se possa fazer cachorro-quente e bolo, que ao longo do filme são distribuídos para as crianças. Tive a oportunidade de participar e ajudar em três cinemas. O público era constituído pelas famílias moradoras do bairro, entre trinta a sessenta pessoas. As sessões de cinema contemplam um número maior de pessoas. Além dos pais, que ajudam na organização dos eventos, há uma maior presença de crianças vindas de todas as regiões do bairro, assim como do Cerro das Irmandades. Cabe ressaltar que um dos fatores que me chamaram a atenção foi uma maior presença dos jovens que deixaram o futebol de lado e participaram da atividade. Durante a exibição do filme, sempre há bastante “agitação” e discussões por parte das crianças. Provavelmente, isso ocorre devido ao fato de muitas irem sozinhas. Quando começa a “bagunça”, os mais velhos chamam a atenção, iniciando pequenas discussões e xingamentos, que geralmente são acalmados pelos adultos.



Figura 20: Banda tocando, casais dançando.

Fonte: Arquivo Pessoal

O almoço com domingueira aconteceu um final de semana antes do domingo de Páscoa, e seu objetivo, além de proporcionar um domingo diferente para a comunidade, foi a arrecadação de fundos, para que se realizasse a festa de Páscoa. Lembro-me que nesse dia um dos aspectos que mais me deixou intrigada foi a ausência da comunidade no evento. Conforme o Zé, foram vendidos mais de cem pratos. Em minha concepção, a sede estaria lotada, desde a manhã até a tardinha, quando terminasse o baile. Porém, para meu espanto, as pessoas que compraram o almoço somente foram para retirar. Chegavam, entregavam os potes, os tickets e iam embora. Apenas em torno de dez pessoas almoçaram no local e em seguida se deslocaram para as suas casas. O conjunto tocou o dia todo, porém poucas pessoas desfrutaram da música e se puseram a dançar. Mesmo não sendo um evento destinado às crianças do bairro, no entorno do centro comunitário havia a circulação das crianças e dos jovens que estavam na praça, assim como das que estavam jogando futebol em frente ao centro comunitário.



Figura 21: Chocolates entregues às crianças na Festa na Páscoa

Fonte: Arquivo Pessoal

O domingo de Páscoa amanheceu chuvoso e assim permaneceu até o entardecer. A festa estava programada para ser em frente ao centro comunitário, entretanto, por questões climáticas, precisou ser realizado dentro da sede. Dessa forma, foi passado um filme para as crianças. Ao longo da sessão foram distribuídos cachorro-quente e refri. Logo após o término do filme, foi servido bolo para os que estavam ali presentes. Eu havia me programado para usar a cartografia do bairro nesse dia, pois acreditei que com a realização da festa os moradores iriam se fazer presentes. Cheguei mais cedo e a coleí na parede, porém, para a minha surpresa, novamente haviam apenas crianças e alguns jovens participando da festa. Mais no final da tarde, cada criança que estava no local recebeu um chocolate com o nome do Zé da Vencato. Como estava chovendo, havia pouca circulação de crianças na rua, pois a maioria estava dentro do centro comunitário.

Com o intuito de me inserir na comunidade e ter um contato maior com os moradores, procurei me fazer presente em todos os eventos do Centro Comunitário. Optei por trazer os relatos dos eventos para esta pesquisa, com o objetivo de evidenciar o reduzido número de moradores da comunidade que comparecem durante os eventos realizados pelo Centro Comunitário, o que me levou a refletir que, se por um lado os adultos não compareciam, por outro havia a forte presença

das crianças ocupando esse espaço. A sociabilidade das crianças pelo bairro evidencia as diversas possibilidades que a rua oferece, dentre elas, a sociabilidade da praça, seja durante o dia, seja durante a noite, a participação nos eventos do Centro Comunitário e as aulas de capoeira, em que as redes de amizade, vizinhança e parentesco se cruzam, como os trajetos das crianças, dos jovens e das famílias.

3.2 As rodas de capoeira: caminhando com as crianças

Meu primeiro contato com a capoeira se deu através de uma postagem no Facebook, em que a instrutora Joice convidava as crianças do bairro para realizarem aulas gratuitas de capoeira no Centro Comunitário. Inicialmente, as aulas ocorriam todas as quintas-feiras, e assim, na mesma semana da postagem, eu fui até o local. Cheguei no Centro Comunitário um pouco antes do horário, e já haviam algumas crianças em frente ao local. Entrei e conversei com a instrutora Joice. Segundo ela,

O convite para as aulas de capoeira surgiu pelo Zé, e hoje em dia já se expandiu para outros espaços. Porém, comecei na Vencato pelo convite do líder do bairro que, após ver uma apresentação nossa, me convidou a começar um trabalho com crianças, pois o bairro precisava de atividades para crianças e adolescentes. Então eu aceitei o convite, o qual começou com duas crianças e foi crescendo o número a cada aula! (Joice, diário de campo, 10 de outubro de 2018)

Aos poucos, as crianças foram entrando, e a aula começou. Me sentei no fundo e fiquei observando. Era a terceira aula, e os alunos estavam conhecendo as regras e os princípios básicos da capoeira. Nesse primeiro dia, havia em torno de vinte crianças. A aula começou às 19:30h. Quando todos estavam em círculo, se cumprimentaram e começaram a aquecer. São meninos e meninas com idades entre quatro e doze anos. Após o alongamento, a professora colocou uma música instrumental e começaram a aprender pequenos movimentos da capoeira, como a ginga e a rasteira. As crianças estavam concentradas observando os movimentos da instrutora e, logo em seguida, os repetindo.



Figura 22: Alunos na roda de capoeira

Fonte: Arquivo pessoal

A aula terminou, e eu fiquei mais um pouco conversando com a instrutora. Quando me desloquei para ir embora, as crianças já haviam ido. Na semana posterior, cheguei mais cedo ao Centro Comunitário, mas não havia ninguém na frente. Logo em seguida, as crianças começaram a chegar, sozinhas, em duplas, em trios ou em pequenos grupos. Um dos meninos carregava consigo uma bola em baixo do braço, e todos jogaram futebol em frente ao Centro Comunitário. Quando a instrutora chegou, as crianças entraram, e eu permaneci ali. A aula começou, e apenas uma mãe acompanhava suas duas filhas. Todas as aulas iniciam com todos divididos em fileiras, com a mão direita no peito, e todos fazem saudação à capoeira Ararirê Oxóssí: “Salve a capoeira Ararirê! Salve!”. Logo após a saudação, começam os alongamentos e, após, realizam as atividades previstas. Os alunos aprendem golpes de capoeira e a tocar os instrumentos. Mais no final de todas as aulas, os alunos, em roda, jogam capoeira uns com os outros, enquanto o restante canta e bate palma na volta do círculo. A mãe que trazia suas filhas é Claudia, mãe de Luiza e Gabriela, uma das poucas mães e familiares que acompanha suas filhas. Quando conversava com ela, perguntei por que ela sempre levava e trazia suas filhas. Ela diz que: “*como a gente mora mais lá em cima, é bem mais longe, e eu não deixo elas sozinhas mesmo. Pode ser, ir na esquina, mas eu vou junto. Sempre foi assim, eu sempre ando com elas*”. Quando a aula terminou, esperei um pouco e saí logo

atrás. Mais à frente, ia um grupo de crianças que corriam e brincavam pela rua. Ao chegarem à rua Odilo Gonçalves Marques, esse grupo se dividiu, uns dobraram à esquerda e outros à direita. Dobrei um pouco mais atrás e fui observando. O grupo, aos poucos, ia se desmanchando, e as crianças iam ficando em frente às suas casas ou próximas dos corredores que dão acesso às mesmas. Sempre procurei chegar mais cedo e ficar sentada com as crianças em frente ao Centro Comunitário. Certo dia, avistei que Monica e Évilin, moradoras da rua Odilo Gonçalves, dobraram em direção à sede. Ao se aproximarem, questionei se as mesmas não teriam medo de andarem sozinhas pelas ruas. Monica me responde que – *“não tem perigo na rua. Eu acho que eu conheço todo mundo na vila. Eu só não posso ir na pracinha, minha mãe não deixa e nunca me traz porque ela tem que limpar a casa.”* (Monica, diário de campo, 21 de março de 2018) Évilin me responde que – *eu não tenho medo, nunca tem nada na rua. Só tenho medo de estranho, mas nunca tem estranho.* (Évilin, diário de campo, 21 de março de 2018) Quando perguntei a ela se eu não seria uma pessoa estranha para ela, a mesma me responde – *“ah, tu é um estranho bom, tia”*. Quando Monica me responde que *“todo mundo se conhece”*. Não é apenas a narrativa de Monica que me faz caracterizar o interior do bairro como “pedaço”, mas sim as diversas observações que me permitiram perceber as redes de relações e descrever as formas de sociabilidade nesse espaço. Nesse momento, Piá, ajudante da instrutora Joice, chega, e as meninas correm para abraçá-lo, as mesmas que me contam que ele também mora na vila, pertinho da casa delas. Em conversa, Piá me fala da importância de levar um pouco de arte e cultura para as crianças, e o quanto é bom que elas se envolvam com algo desde pequenas, já tendo um compromisso sério com algo, obedecendo às regras da capoeira. Isso ajuda para elas não se perderem. Em outro momento, observo que Melina vem correndo. Quando se aproxima, questiono o motivo de estar correndo, e a mesma me responde que estava atrasada. Continuei com o diálogo, e a mesma me contou que – *“vem sozinha, pois não tem perigo, pois por mais que esteja tudo um deserto, por mais que as casas estejam fechadas, é só a gente gritar que todo mundo sai na rua. São loucos de fofoqueiros”*. (Melina, diário de campo, 22 de março de 2018) A aula de capoeira já havia começado enquanto eu estava conversando com o Zé. Quando chegou um menino, o Zé questionou onde ele estava e por que chegou atrasado. Henrique abaixa a cabeça e fica quieto, enquanto o Zé continua falando que – *“se chegares atrasado de novo, vou ter que conversar com tua vó, porque ela*

deixa vocês virem é para a capoeira, e não para jogar bola na praça. Agora é hora de capoeira, e ela acha que tu tá aqui, e tu tá na praça". (Diário de campo, 22 de março de 2018) Uma das regras da capoeira é pedir permissão para entrar quando a roda já está formada. Joice, que não havia escutado a conversa, também chama a atenção de Henrique: *"atrasado e suando?! Só podia tá na praça jogando futebol, não pode, se tu vens de casa pra capoeira, é para a capoeira"*. O trabalho voluntário que a instrutora Joice e o Piá realizam vai completar um ano. Nesse tempo, os alunos já trocaram de graduação, e até o final do ano haverá uma nova. A roupa da capoeira foi fornecida aos alunos gratuitamente através do patrocínio, de uma loja de roupas. O evento anterior de troca de faixa foi realizado no Teatro Esperança, e contou com a participação de mestres de outras cidades do Rio Grande do Sul e do Uruguai.



Figura 23: Alunos da copeira aprendendo a tocar instrumentos

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 24: Alunos da capoeira com a instrutora Joice e o líder comunitário Zé

Fonte: Arquivo pessoal

Inicialmente, o projeto contava com uma turma de crianças e jovens que treinavam juntos. Atualmente, ponderando que as atribuições das cordas são distintas, e pensando em não retardar a aprendizagem dos mais velhos, os alunos foram separados por cordas infantis e adultas.

Em uma das conversas com a instrutora Joice, depois da aula de capoeira, ela fala quais são os princípios da capoeira e como é realizar esse trabalho voluntário:

As crianças do bairro são muito inteligentes. Elas tinham falta de atividades. Quando comecei a dar aulas, elas eram agitadas, e algumas não respeitavam nem a mim e aos colegas. Com o tempo, fui ganhando a confiança delas, e elas entendendo o que eu queria passar para elas. Quando se trabalha com crianças é a fase onde elas absorvem todos os ensinamentos. Assim temos que ensinar os fundamentos, disciplina, a respeitar ao próximo. Na capoeira não existe preconceitos. Além dos benefícios físicos, que são a coordenação motora, o equilíbrio, a flexibilidade, a resistência, a autoconfiança, a desinibição é bom pra mente, pois a criança estuda nossa cultura, troca instrumentos e, o principal, aprende a respeitar ao próximo. Sobre a mudança de comportamento, com certeza tem um aluno em especial que, de pouco em pouco, estou conseguindo guiar o comportamento. Tanto ele está aprendendo comigo como eu estou aprendendo com ele. E das crianças em geral, noto que elas estão se preocupando mais com a escola, se interessando em tirar notas altas. Isso já é um grande ganho. Até aula particular de reforço escolar, elas pedem. E eu fico feliz pela confiança que elas e os pais colocam em mim. A questão de expandir para outros lugares como trabalho voluntário é um sonho. Pretendo sim fazer esse trabalho em outros bairros, pois nossa cidade precisa urgentemente desse propósito para crianças e adolescentes.

Esse é o propósito do esporte. Esse é o propósito da capoeira. Isso é fazer algo pela capoeira. Porque, às vezes, não adianta você ser um excelente jogador de capoeira, um excelente acrobata de capoeira ou um ótimo tocador de berimbau. Se não fizer nada pela capoeira, nada disso importa. (Joice, diário de campo, 10 de outubro de 2018)

Na narrativa da instrutora Joice é evidente os princípios da capoeira, que para além das atividades físicas, aprende-se os fundamentos, a disciplina e o respeito com relação ao outro. Quando Joice se refere ao “se não fizer nada pela capoeira, nada disso importa”, ela se refere às questões de reciprocidade, partilhando os conhecimentos adquiridos.

Acompanhar as aulas de capoeira proporcionou um contato maior com as crianças do bairro. Além de chegar mais cedo e acompanhar de onde vinham e para onde iam, passei a ir embora com elas. Ao término da capoeira, os alunos esperavam uns aos outros, bem como me esperavam. A pergunta é quase sempre a mesma: *“hoje tu vai com a gente, tia?!”* É neste retorno para casa, em meio a outras conversas, que questiono para os alunos o que eles pensam do bairro e como o veem. Ainda em euforia com a aula de capoeira, os alunos cantam e comentam sobre os golpes e a graduação que está se aproximando. Ao retornarem para casa, as crianças correm, brincam de pega-pega, pulam e deslocam-se em pequenos grupos, que ao longo do caminho vai se dispersando. Dependendo quem está no grupo, é o caminho escolhido para a volta. Pietra e Henrique são irmãos e frequentam a capoeira. Quando estão sozinhos encurtam os caminhos quebrando as ruas. Quando estão acompanhados, vão pelo caminho mais longo. Certo dia, íamos apenas os três para casa, e os irmãos iam me conduzindo, contando sobre o que haviam “aprontado” em casa com seus outros irmãos. A escolha pelo caminho se deu pelo mais rápido. Saímos do Centro Comunitário pela Almirante Tamandaré, dobramos na Ciro Oliveira Nunes e desembocamos na Odilo Gonçalves. A Ciro Oliveira Nunes é uma rua mais deserta. Nessa quadra em que passamos há casas somente de um lado da rua, pois no outro um pequeno pântano toma conta dos terrenos abandonados. Quando afirmo ter medo de passar ali, Henrique me responde: *“não precisa ter medo ‘sora’, qualquer coisa é só a gente grita e sai correndo e deu, ‘ali’ já tá todo mundo.*

Enquanto pesquisadora, minha relação para com as aulas de capoeira sempre se deu em forma de observação. Ao chegar ao Centro Comunitário, sempre ficava sentada em um banco no fundo. Com o passar do tempo, a interação com as crianças e com o universo da capoeira levaram-me a aprender todas as músicas, o nome e a maneira que se realizam golpes, que, por outro lado, também faziam parte do meu contato com as crianças. Durante os trajetos conversávamos sobre os mais diversos assuntos, como a capoeira, a escola, o projeto que muitos participam, o círculo de amizades deles, as coisas que mais gostavam de fazer no tempo livre e os lugares que mais gostavam no bairro e fora dele. Entre os mais diversos assuntos, por inúmeras vezes compartilhamos de nossos problemas e experiências familiares e, principalmente, a relação para com nossos pais, avós e irmãos. Em uma das aulas, a instrutora informou que no dia seguinte haveria uma roda de capoeira na praça do centro da cidade, e o professor Dinho havia convidado os alunos da Vencato para participarem. Muitas crianças ficaram eufóricas com a possibilidade de participarem, porém, não poderiam ir porque seus responsáveis não teriam como levá-los. Em meio à conversa, uma das alunas me questionou se eu não poderia levá-los. Respondi que por mim não haveria problema, mas que teria que conversar com seus responsáveis. Como de costume, em grupo, nos deslocamos do centro comunitário em direção à casa dos alunos, mas dessa vez eu conversaria com os responsáveis. Conforme íamos chegando às casas, o grupo ia diminuindo. Expliquei a situação para os responsáveis e me comprometi a levar e trazê-los, desde que se comprometessem que iriam se comportar. Assim, no dia posterior, me desloquei da minha casa e passei de casa em casa. No total, foram sete crianças. Fomos em direção ao centro. No meio do caminho, encontramos a instrutora Joice, e em meio nossas conversas, relembramos os tempos de escola, onde estudamos juntas. Ao chegar à praça, já havia vários alunos do professor Dinho. As crianças uniram-se a eles, formando uma grande roda de capoeira. Essa prática de me deslocar para outros lugares da cidade com as crianças se deu por diversas vezes. Sempre que havia um evento e os pais não tinham como levar seus filhos, eu os levava. Essa troca me possibilitou ter um contato maior com as famílias e com o restante do grupo da capoeira. Em um dos dias em que a roda de capoeira foi realizada na praça do bairro, a instrutora Joice se atrasou. Para não entrar noite adentro, Piá iniciou a aula e me pediu auxílio para organizar os alunos perante a roda. Assim, em uma única vez, participei da roda ajudando na organização das

crianças, batendo palma e cantando. Mesmo que não tenha participado efetivamente de uma roda de capoeira, que não tenha gingado e realizado os golpes, por diversas vezes me senti sendo afetada (Fravet-Saada, 2005). O canto, o som do berimbau, do caxixi, do atabaque, do pandeiro, a ritmicidade dos instrumentos e das palmas conforme a música, enfim, os elementos que compõe uma roda de capoeira, transmitindo axé.

3.3 O olhar das crianças por intermédio dos desenhos

Além de poder acompanhar os caminhos por meio das aulas de capoeira, pude conversar com os mesmos sobre o bairro e sobre os lugares que mais gostavam. Assim, como uma complementação da observação participante, solicitei para que em casa os mesmos realizassem desenhos dos locais que mais gostassem no bairro, e questionei o motivo pelo qual esses foram escolhidos, para que na semana posterior pudéssemos conversar mais sobre o assunto. Posteriormente, a instrutora cedeu uma de suas aulas para que os desenhos fossem realizados. Sobre o uso dos desenhos, conforme Pires (2007):

Há que se ressaltar, mais uma vez, que os desenhos só são realmente interessantes para a pesquisa antropológica quando elaborados naquele contexto em que a criança é levada a refletir e a elaborar oralmente ou textualmente sobre o que ela desenhou. A pesquisa em antropologia não pode se valer apenas dos desenhos em si mesmos. Mas, se são conjugados com a observação participante, me parece que as duas técnicas reforçam-se mutuamente, os desenhos indicam a direção que a observação deve tomar. (PIRES, 2007, pg.253)

Sendo assim, os desenhos só serão úteis se vierem acompanhados por histórias e/ou comentários ou se houver um diálogo sobre o mesmo. A criança deve ser incentivada a refletir sobre o desenho. Nos desenhos e na narrativa dos alunos, se fizeram presentes lugares como o Centro Comunitário, a capoeira, a quadra de futebol, a praça, a locadora de videogame, a casa e os familiares dos alunos. Além dos lugares, os alunos desenharam algumas pessoas compondo esses espaços. Foram citados, além de seus familiares, a instrutora e o nome de mestres e contramestres da capoeira. Em todos os desenhos houve a presença da praça e/ou do Centro Comunitário, trazendo a capoeira como principal motivo para tê-lo

desenhado. A razão pela qual as crianças se remeteram a família pode ser compreendida se lembrarmos que “o mundo da criança é construído no cotidiano da família e em contato com os amigos e vizinhos próximos”. (PIRES, 2007, p. 247). Em um desenho dividido em três folhas, Monica desenhou a praça, o centro comunitário, sua casa, seu gato, a casinha e seu cachorro. Quando questiono o que a levou a ter feito os desenhos, a mesma afirmou que são os lugares e as pessoas que ela mais gosta de estar. Os desenhos, além de complementarem a observação participante, dão um suporte para onde seguir.



Figura 25: Desenhos realizados pela aluna Monica

Fonte: Arquivo pessoal

No primeiro desenho, o sol, a casa de Monica e seus animais de estimação. Quando questiono sobre o desenho a mesma afirma *“que é o lugar que mais gosto, tem meus brinquedos, tem minha mãe, meu pai e os meus bichinhos que eu corro e brinco, tem as minhas primas.”* Pires (2007) afirma que a família é uma das instituições sociais mais importantes, sendo o mundo da criança construído a partir do cotidiano da família. O segundo e o terceiro desenho elucidam a praça, os balanços, o escorregador e o centro comunitário. Monica afirma que depois de sua casa, *“é o lugar que mais gosta de tá, de brincar com meus amigos, mas minha mãe não me leva muito, nem deixa eu ir.* O Centro Comunitário é porque eu faço as aulas de capoeira, e sempre tem as festas para a gente. Eu não posso ir na praça, só na capoeira, aí sim ela deixa. Faz três dias que ela me traz, mas quase sempre eu venho sozinha. Eu gosto da capoeira porque a gente faz um monte de coisa legal e se apresenta também. Tem a roda no centro também que eu gosto bastante.” Nota-se que para Monica, além da capoeira, diz gostar dos desafios que a tiram da rotina. Cohn (2005) afirma que estudos desse tipo nos mostram, portanto, que as crianças

Não são apenas produzidas pelas culturas mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos. (COHN, 2005, pg.20)

Esse deslocamento com as crianças permite novas aprendizagens e contato com outros espaços de educação e sociabilidade, propiciando a seus alunos o contato com outras culturas que, associadas a sua própria cultura, lhes trarão novas perspectivas.

Em outro desenho, com o título “Sou capoeira Ararirê Oxóssi”, Breno desenha três pessoas e uma árvore.



Figura 26: Desenho realizado pelo aluno Breno

Fonte: Arquivo pessoal

Quando questiono o que era e o que significava seu desenho, o mesmo responde – *“é uma roda de capoeira na praça. Eu sou o mestre Índio e estou tocando berimbau para os outros guris que estão na roda jogando capoeira.”* Quando indago o motivo pelo qual, o mesmo quer ser o mestre Índio, Breno responde: *“ué, porque é o nosso maior mestre, todo capoeirista tem que ter aula com ele, todos os outros mestres foram alunos dele.”* O desenho de Breno traz elementos da praça e a relação com a capoeira. Além de oportunizar novas aprendizagens, a capoeira proporciona o contato com diversas outras pessoas, como mestres, contramestres, professores, instrutores e alunos. A capoeira atuando nas margens oferece troca de experiências e outras possibilidades aos alunos.

A troca de experiências, entre os alunos do projeto e os mestres vindo de outras localidades, se dá durante a realização dos eventos de troca de graduação da capoeira. Até o presente momento, já foram realizados cinco eventos, tendo sido o último realizado no dia 21 de setembro de 2019, e contou com a presença de

mestres, contramestres, professores, instrutores e alunos de diversas partes do Brasil e do Uruguai.



Figura 27: Evento de graduação realizado no Clube 24 de Agosto

Fonte: Arquivo pessoal

O grupo de Capoeira que a instrutora Joice pertence é o Ararirê Oxóssi. Durante uma das conversas, a mesma explicou a relação entre os grupos de capoeira e o vínculo entre os mestres e alunos:

O grupo Ararirê Oxóssi foi fundado no Rio Grande do Sul, mas tem suas raízes no grupo Oxóssi da Bahia, pois o mestre índio é mestre do nosso mestre. O mestre Pombo de Ouro, mestre fundador do nosso grupo, é de Estância Velha, na região de Porto Alegre. O mestre Pombo de Ouro tem vários alunos que lecionam capoeira na região de Porto Alegre, Tramandaí e Jaguarão. O grupo Oxóssi do mestre Índio da Bahia tem alunos que lecionam em várias cidades aqui no Rio Grande do Sul, em Montevideo, no Uruguai, e na Eupora. Mesmo sendo em outros lugares, todos fazem parte do grupo Oxóssi. O mestre sempre guia o aluno, mostrando a melhor forma de ser feito, sendo um grande líder, liderando com amor, respeito, humildade, dedicação e sempre sabendo ouvir o aluno. O aluno deve respeitar seu mestre, não só por questão de hierarquia, mas sim por saber que ele é teu mestre. (Joice, diário de campo, 26 de setembro de 2019)

É importante refletir sobre essa relação extra bairro que a capoeira proporciona, pensando não apenas no grupo do qual a instrutora faz parte, o grupo do contra mestre Dinho em Jaguarão, mas pensar nessa rede de capoeira, que começa na Bahia e se espalha por outros estados e países, e a importância do contato que as crianças têm com eles.

4. Conclusão:

4.1 Cidade, margens e infância

Até o presente momento, o que se tencionou foi compreender as dinâmicas do bairro Vencato, desde o seu surgimento até os dias atuais. O território, que hoje compreende o bairro, vem mostrando suas diversas facetas frente aos modos de habitar seus mais diversificados espaços. Desde o princípio, o mesmo já se encontrava às margens da sociedade, a antiga Rua do Cordão e a antiga zona dos cabarés geraram um estigma que perdura. O antigo território negro e os diversos conflitos que ocorriam na 'baixada', assim como sua localização às margens do rio Jaguarão geraram uma desvalorização econômica. O processo do desenvolvimento urbanístico e o fato de as áreas mais centrais já estarem ocupadas, propiciaram a venda de lotes e terrenos de baixo custo nas zonas periféricas da cidade. Os espaços entre a Rua do Cordão e a Chácara do Galo aos poucos foram sendo ocupados. A Vencato foi se formando através de reivindicações dos moradores, que desde o início lutaram para as melhorias da infraestrutura urbana da até então "Vila do Vencato". Com as novas demarcações da prefeitura, o setor 'C' e as pequenas vilas deram lugar aos bairros. Com as novas delimitações, a Vila do Vencato passa a abranger outros territórios, passando a se chamar Bairro Vencato. A construção da vila se deu perante mutirões, reuniões e abaixo-assinados, fazendo com que as histórias de muitas famílias se misturassem com a história do próprio bairro. Muitas dessas famílias residem até hoje no local, estando na segunda ou terceira geração. Apesar de ter abrangido outros territórios, o bairro continuou sendo marcado por duas territorialidades distintas: a parte mais próxima a área central da cidade e a parte mais periférica. Com ritmos distintos, a proximidade com o centro compõe uma parte da zona comercial de Jaguarão, ruas pavimentadas, intensa circulação de pessoas vindas de diferentes locais da cidade e do Uruguai. Na outra parte, observa-se as ruas sem pavimentação, a presença do mato e do capim alto, os pequenos comércios locais, a circulação de famílias e animais e as rodas de

conversa com os moradores sentados em frente às suas casas, compõem a paisagem da periferia.

Nesta pesquisa, o estigma do bairro como local violento, tanto antigo território negro quanto pela existência do Comando Vencato, gerou o paradoxo “como em um lugar dito violento, há a presença das crianças na rua”. O contato com as famílias e suas vivências no bairro mostrou que esse fator não é de agora, muitos dos moradores foram criados no bairro, com essa mesma lógica. A ambiguidade entre a violência e a proteção evidencia o cruzamento das redes de vizinhança, amizade e parentesco. A circulação das crianças sozinhas, a pé, de bicicleta, em grupo ou com seus familiares pelas ruas apresenta os diferentes modos de habitar às margens do bairro. Observando a circulação das crianças, nota-se a existência de uma rede de vizinhança que cuida das crianças, nesse caso, a fofoca serve como um controle entre os moradores. A praça enquanto centralidade do pedaço é o local frequentado por meninos. As meninas vão apenas acompanhadas dos pais. O espaço do futebol, das conversas, das brincadeiras, das misturas, a convivência entre jovens e crianças. Pensar a rua enquanto espaço público é pensar a diversidade do local e de seus moradores. É refletir a circulação e a sociabilidade das crianças e dos jovens perante a rua, que se apresenta como um espaço de aprendizagem. A concepção de infância que se tem na Vencato se aproxima com o que Cohn (2005) aponta, em que a criança passa a ser compreendida como um ator social, partindo do pressuposto que compartilham de um sistema simbólico com os adultos. Elas elaboram o seu sentido para o mundo tendo uma gama de possibilidades a serem escolhidas. O cotidiano das crianças está fortemente ligado entre os espaços da casa, da escola e da rua. Na Vencato, as crianças “estão na vida e/ou na rua”. Cabe ressaltar que essas expressões “estão na vida” e/ou “estão na rua”, utilizadas para caracterizar a infância na Vencato, é diferente de crianças em situação de rua. O estar na vida, estar na rua, está ligado a circulação das crianças, sozinhas ou com seus familiares, amigos e vizinhos. Nesse caso, a rua se apresenta como o local das possibilidades, e os trajetos e percursos infantis apontam para essas possibilidades. A escola, a praça, seja à noite ou durante o dia, o centro comunitário, a locadora, as aulas de capoeira, todos esses representam as possibilidades do pedaço. As aulas de capoeira, as atividades desenvolvidas no centro comunitário, o projeto social desenvolvido pelo Zé, os cruzamentos pela praça, o futebol, a praça à noite, o centro

comunitário, o centro da cidade, o comércio local, a antiga rua do Cordão, a locadora, a antiga baixada. Todos esses espaços fazem parte da rua, e enquanto sociabilidade pública, uma intensa potente de relações. Na Vencato, a rua como o lugar da diversidade, produzindo o encontro das diferentes redes que se cruzam e se misturam. A rua como o lugar das possibilidades e quanto às crianças da Vencato estão vivenciando tudo isso.

Ao longo da pesquisa, buscou-se evidenciar o fato do bairro estar situado nas margens urbanas. Sendo assim, procurou-se explicitar que o bairro não é apenas um espaço territorial. A Vencato é formada por movimento, pelas pessoas que ali vivem, por suas narrativas, por suas memórias, por seus percursos e trajetos diários, pelas diversas formas de viver e sobreviver. É o vivenciar, o habitar o lugar. Pensando em uma antropologia da e na cidade, buscou-se trazer as vivências que versam sobre o bairro Vencato. Por serem antigos moradores locais, as histórias familiares cruzadas com a multitemporalidade do bairro, as recordações dos tempos antigos, o morar no bairro e o morar no pedaço do bairro, com duas lógicas distintas.

A narrativa dos moradores, evidenciando não apenas as transformações do bairro no tempo e no espaço, porém, indicando a sociabilidade do bairro. Fonseca (1999) afirma que “ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discurso, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita.” (FONSECA, 1999, pg. 64) Nessa mesma perspectiva, Eckert e Rocha (2011), apontam para uma etnografia da duração,

Nosso interesse nos conduz ao estudo das formas múltiplas do viver a cidade, das experiências geracionais de continuidade e de descontinuidade nos ritmos citadinos de seus moradores que configuram as formas de sociabilidade, as crises, os conflitos, as expectativas e as motivações que unem a vida cotidiana dos habitantes entre si [...] (ECKERT E ROCHA, 2011, p. 109)

Para que se pudesse compreender a relação entre os trajetos percorridos e as diferentes redes das quais as crianças participam, de parentesco, de vizinhança e de amizade, comecei a caminhar com elas. Partindo da perspectiva de Ingold

(2005), o descobridor-caminho consistindo em mover-se de um lugar para outro em uma região, pensando neste conhecer enquanto caminhar. Durante os trajetos percorridos, o contato e a interação com as crianças me permitiram realizar o mapeamento dos espaços e a circulação das crianças no bairro. A observação do cotidiano local mostrou as mais variadas formas dos usos e apropriação dos espaços do bairro, a praça, as cadeiras nas calçadas e nos canteiros, evidenciaram as formas de sociabilidade do local. O caminhar enquanto conhecer me proporcionou um olhar “de perto e de dentro” sobre o bairro. Nesta etnografia, o ato de caminhar se tornou fundamental para que se compreendesse o bairro, pois enquanto caminhava, os caminhos se cruzavam, os percursos iam se refazendo conforme os encontros. Mais do que observar, mais do que ouvir, através dos percursos com as crianças e dos encontros com as famílias, pude vivenciar a Vencato e todas as possibilidades que a rua oferece.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. DO DIREITO À CIDADE AO FAZER-CIDADE. O ANTROPÓLOGO, A MARGEM E O CENTRO. **Mana [online]**. Vol.21, n.3. 2015.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Uma incursão pelo lado “não-respeitável” da pesquisa de campo. **Ciências Sociais Hoje**, Recife, n.1, p.333-353, 1981.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, p.17-35.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**. O caminhar como prática estética. São Paulo: ed. Gili, p. 17-109, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópoles, RJ: Editora Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce& MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2**: Morar, Cozinhar. Petrópoles, RJ: Editora Vozes, 2000.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

DAMATTA, Roberto. O ofício do antropólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, E. (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOSSE, F. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. **ArtCultura**, n. 9, jul.-dez. De 2004.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais**. *Política & Trabalho* 34(s/n): 107-126, 2011.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". **Cadernos de Campo**, n.13, p.155-161, 2005.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.10, p.58-78, 1999.

FONSECA, Claudia. O anonimato no texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia feita em casa. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v.2, n.1-2, 2008.

FONSECA, Cláudia. **Da circulação de crianças à adoção Internacional questões de pertencimento e posse**. Publicado pela primeira vez em francês – La Circulation des Enfants Pauvres au Brésil: Une pratique locale dans un monde globalisé. *Anthropologie et Sociétés* 24(3), p.24-43, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 13-41, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Estigma- Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

INGOLD, Tim. "Jornada ao longo de um caminho de vida – Mapas, descobridor, caminho e navegação". **Religião e Sociedade**, v. 25, n.1, p.76-110, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor, Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v. 35, p. 191-203, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas sobre uma etnografia urbana**. Publicado originalmente na Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor - Os circuitos dos jovens urbanos. Sociologia: **Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, Vol. XX, p. 13-38, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, Roberto Duarte. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão**. Barcelona: Universidade Politècnica de Catalunya, 2001. Tese (Doutorado).

NUNES, Juliana dos Santos. **“Somos o Suco do Carnaval!” A marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto**. (Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

PETONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v.50, n.1, p.225-270, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais**, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, N. 7, p.22, 2003.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: Edusp, 2000.

SIMÕES, Soraya Silveira. **Observação flutuante: uma observação “desendereçada”**. (Resenha) Antropolítica, Niterói, n.25, p.193-196, 2008.

SOARES, Eduardo Alvares de Souza. FRANCO. Sérgio da Costa. **Olhares sobre Jaguarão**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

TEIXEIRA, Fladiane Nunes. **O Vencato a partir da memória de seus moradores: Do loteamento à construção do bairro**. Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2015. (Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em História)

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: ZAHAR, (1ª edição) 1973; (5ª edição) 1989.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: Velho, G. Kuschinir, K. (orgs) **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. 1ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. v.1. p.11-19, 2003.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, p.36-46, 1978.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. [1943]; 2005.